

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA EM TEATRO

NIVALDO FREITAS FILHO

A ARTE COMO ENCONTRO: TRANSFORMAÇÃO, FÉ E COMUNIDADE. A
ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRITOS EM SALGADO/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Teatro da Universidade Federal de
Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em
Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina
Baltazar

São Cristóvão – Sergipe.
2025

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, fonte de toda a vida e inspiração, pela força, sabedoria e presença constante em cada etapa desta jornada. Sem o Seu amparo, nada disso teria sido possível.

A minha família, pelo apoio incondicional, paciência e amor. Em especial, à minha mãe, que, com tanta luta, me educou e formou como a pessoa que sou hoje; a minha esposa Crislaine e meus filhos, Pedro e Alice, que representam uma das maiores razões para minha dedicação e perseverança.

A minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Cristina Baltazar, a coordenação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, pela confiança, orientação e oportunidade de transformar esta experiência em conhecimento acadêmico.

Aos colegas e amigos que compartilharam ensaios, dificuldades e conquistas na encenação da Paixão de Cristo 2025. Cada gesto de colaboração, cada palavra de incentivo e cada momento vivido juntos foram fundamentais para a realização deste trabalho. Registro, em especial, minha gratidão à amiga e parceira Tarsila Lorena, que muitas vezes assumiu responsabilidades essenciais durante a montagem, e a toda a equipe de coordenação da Paixão de Cristo 2025.

Aos atores e atrizes, às equipes técnica, de produção, comunicação e finanças, que, com empenho e dedicação, ajudaram a transformar fé em arte e arte em testemunho.

À comunidade de Salgado, em especial à Paróquia Senhor do Bonfim e ao Padre Raimundo Aguiar, que acolhem e fortalecem este projeto ano após ano, mostrando que a cultura popular e religiosa é viva e capaz de unir gerações em torno da fé e da arte.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este memorial e a encenação da Paixão de Cristo se tornassem realidade. Este trabalho é

fruto de um esforço coletivo, mas também de um profundo compromisso com a fé, a arte e a comunidade.

RESUMO

Este memorial analisa o processo de montagem da *Paixão de Cristo* em Salgado, realizada em 2025, sob a perspectiva artística, pedagógica e comunitária. A pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, foi desenvolvida por meio de observação participante, registros de ensaios e depoimentos da equipe de coordenação. O trabalho discute os principais elementos da encenação — dramaturgia, direção, preparação de elenco, cenografia, figurino, iluminação, trilha sonora e produção — destacando os desafios enfrentados e as soluções encontradas. Além da descrição do processo, o memorial propõe uma reflexão sobre o papel do teatro comunitário como espaço de evangelização, inclusão social e fortalecimento cultural. Os resultados evidenciam que a encenação, além de impactar a comunidade artisticamente, promove vínculos de pertencimento, fé e transformação coletiva.

Palavras-chave: Paixão de Cristo; teatro comunitário; processo criativo; fé; cultura popular.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do texto da Paixão de Cristo 2025 no dia da leitura	16
Figura 2 – Todo o elenco no dia da leitura do texto da Paixão de Cristo 2025.....	166
Figura 3 – Diretor passando as últimas orientações sobre como queria a cena	21
Figura 4 – Diretor olhando de perto e orientado a cena	22
Figura 5 – Início da preparação dos atores com jogos teatrais	25
Figura 6 – Grande parte do elenco reunidos ao final de mais um ensaio em frente da igreja	27
Figura 7 – Cenário de Pilatos em frete a igreja	31
Figura 8 – Cenário de Caifás e Anas	31
Figura 9 – Cenário de Herodes	32
Figura 10 – Cenário do lago e o monte onde foi realizado o batismo de Jesus	33
Figura 11 – Figurino de Jesus, Maria e José.....	37
Figura 12 – Figurino de Satanás 1	37
Figura 13 – Figurino de Satanás 2	38
Figura 14 – Izais na passagem de som e das falas	43
Figura 15 – Ensaio com luzes na cena da tentação.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – DRAMATURGIA	14
1.1. Estrutura bíblica e base dramática	14
1.2. O processo de escrita em 2025	15
1.3. Comparativo entre 2024 e 2025	17
1.4. Reflexão pessoal sobre a dramaturgia	17
1.5. Conclusão	18
CAPÍTULO 2: DIREÇÃO – A ARTE DE GUIAR ENCONTROS	20
2.1. A Missão: Muito Além do Palco	20
2.2. A Referência: A Herança de Daniel Caliban	20
2.3. O Maior Desafio: A Beleza da Diversidade	20
2.4. A Evolução do Diretor: Da Rigidez à Liderança Servidora	21
2.5. Escolhas Arriscadas: Fora da Zona de Conforto	22
2.6. Conclusão: O Legado da Direção-Comunhão	23
CAPÍTULO 3: PREPARAÇÃO DE ELENCO – SEMEANDO O GOSTO PELO TEATRO, COLHENDO ENCONTROS	25
3.1. O Início: Mais que uma Oficina, uma Porta de Entrada	25
3.2. A Metodologia: Os Jogos Teatrais como Ferramenta de Integração e Confiança	26
3.3. A Transição: Da Oficina ao Ensaio	26
3.4. O Resultado: O Teatro como Experiência Transformadora	27
CAPÍTULO 4 – CENÁRIO	30
4.1. A frente da igreja como espaço cênico	30
4.2. Os palcos e suas funções	31
4.3. Cenários complementares	32
4.4. Recursos e parcerias	33
4.5. A experiência do público	33
4.6. Avaliação crítica	34
CAPÍTULO 5 – FIGURINO: A DRAMATURGIA VISUAL DA FÉ	36
5.1 Estrutura em blocos	36
5.2 O figurino como dramaturgia visual	39

5.4 Dificuldades e aprendizados	39
5.5 Conclusão	40
CAPÍTULO 6 – TRILHA SONORA	43
6.1. Sequência das músicas e suas funções dramáticas	43
6.2. Trilhas instrumentais e efeitos sonoros	44
6.3. Reflexão pessoal	45
6.4. Conclusão	45
CAPÍTULO 7 – ILUMINAÇÃO	48
7.1. A função simbólica da luz	48
7.2 A luz como narrativa visual	49
7.3. O impacto no público	50
7.4. Conclusão	50
CAPÍTULO 8 - PRODUÇÃO	53
8.1 Reflexão pessoal do diretor-produtor	54
CAPÍTULO 9 - CONCLUSÃO E REFLEXÃO FINAL	57
Referências Bibliográficas	61
APENDICES	61
PEÇA DA PAIXÃO DE CRISTO	62
COORDENAÇÃO DA ENCENAÇÃO DA ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO 2025	81
Direção	81
Financeiro	81
Comunicação	81
Figurino	81
Cenografia	81
Produção	81
ELENCO DA PAIXÃO DE CRISTO 2025	81
REGISTRO FOTOGRÁFICO	84

INTRODUÇÃO

A Paixão de Cristo é, sem dúvida, uma das narrativas mais conhecidas e encenadas em todo o mundo. Do ponto de vista religioso, trata-se do relato dos últimos dias de Jesus, desde a Última Ceia até sua crucificação e ressurreição. Do ponto de vista cultural, tornou-se um dos pilares do teatro popular, mobilizando comunidades inteiras em torno da fé, da arte e da memória coletiva. Em diferentes regiões do Brasil e do mundo, essa tradição se manifesta de forma particular, com características próprias, mas sempre mantendo como essência o propósito de sensibilizar, emocionar e transmitir valores de fé e espiritualidade.

É nesse contexto que se insere a encenação da Paixão de Cristo em Salgado, Sergipe. Muito além de um simples espetáculo teatral, a montagem se consolidou como um ato de evangelização e também como uma manifestação artística que mobiliza pessoas de diferentes idades, profissões e histórias de vida. A cada ano, a comunidade se reúne para reviver, em forma de arte, um dos maiores símbolos do cristianismo, renovando tanto a fé quanto o compromisso cultural.

Minha história pessoal se mistura diretamente com a trajetória dessa encenação. Eu, Nivaldo Freitas, nascido em Salvador/BA e hoje com 42 anos, tive minhas primeiras experiências teatrais participando da Paixão de Cristo ainda na capital baiana. No grupo *Renascer*, ligado à Igreja Senhor Bom Jesus dos Milagres, desempenhei diversos papéis: atuei como ator, figurinista, iluminador e produtor. Éramos um grupo pequeno, e isso exigia que cada um de nós assumisse múltiplas funções. Essa experiência foi a minha verdadeira escola, pois ali aprendi não apenas a atuar, mas também a compreender o teatro em sua dimensão coletiva e comunitária.

Quando me casei, em 2011, vim morar em Salgado, e logo surgiu em mim o desejo de trazer a encenação da Paixão de Cristo para esta cidade. Em janeiro de 2013, durante a festa do Senhor do Bonfim, tive uma conversa decisiva com o então pároco, padre Ilmar Augusto, que prontamente acolheu a proposta. A partir desse momento, aquilo que era apenas um sonho começou a ganhar forma.

No início, tínhamos apenas a vontade e a fé. Não havia texto, figurinos ou cenário. Consegui, com a ajuda de um amigo de Salvador, o texto que utilizávamos lá, e com muito esforço buscamos roupas emprestadas no município de Simões Dias, além de confeccionarmos algumas peças. Nos três primeiros anos, a encenação aconteceu dentro da Igreja Matriz de Salgado. Logo, porém, percebemos que o espaço não comportava mais o público que crescia a cada edição. Foi então que, com coragem e determinação, levamos o espetáculo para a Praça da Igreja Matriz Senhor do Bonfim, onde o número de espectadores aumentou significativamente e a encenação passou a ocupar o espaço público da cidade.

Com o crescimento da encenação, percebemos que realizá-la dentro da igreja gerava muitos impactos negativos. A visualização era bastante limitada, já que grande parte do público não conseguia acompanhar todas as cenas de forma adequada. Além disso, havia dificuldades com a projeção de voz, pois muitos participantes estavam tendo sua primeira experiência com o teatro e ainda não dominavam técnicas vocais. Em 2015, chegamos a utilizar um telão na frente da igreja para tentar facilitar a visualização, mas ainda assim persistia o problema de o público compreender as falas dos atores.

Buscamos alternativas, como a instalação de microfones distribuídos pela igreja para captar as vozes e o uso de microfones individuais, mas essa última estratégia também se mostrou ineficaz, já que os atores ficavam presos ao equipamento, prejudicando a naturalidade das interpretações.

Diante dessas dificuldades, ao final da apresentação de 2015, decidimos levar a encenação para a frente da igreja e realizar a gravação prévia das falas em estúdio, integrando também trilhas sonoras em toda a peça. Essa mudança representou um impacto muito positivo, pois permitiu que todo o público tivesse melhor acesso visual e sonoro à encenação.

É importante destacar que, ao longo desses anos, todo o trabalho foi realizado de forma voluntária, sem qualquer remuneração financeira, movido apenas pela fé, dedicação e compromisso comunitário dos envolvidos.

Com o passar do tempo, percebi que a boa vontade, por si só, não era suficiente para sustentar um trabalho da dimensão que a encenação estava tomando. Em 2016, essa reflexão se tornou mais intensa: eu precisava me profissionalizar. A paixão pelo teatro e pela arte de evangelizar era grande, mas faltava um aprofundamento técnico e pedagógico que me permitisse ser o diretor que eu gostaria de ser. Assim, em 2017, após a apresentação da Paixão de Cristo, durante a avaliação final, tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida: não continuar como diretor da encenação.

Essa escolha não foi simples. Eu já não me sentia bem diante de tantos desencontros com a antiga coordenação e percebia que o objetivo maior da encenação — evangelizar por meio da arte e fortalecer a fé da comunidade — estava se perdendo. Havia conflitos, mal-entendidos e tensões que, em vez de ajudarem, prejudicavam o andamento do processo. Reconheci, então, que naquele momento eu estava mais atrapalhando do que ajudando. Foi um ato de humildade e de preservação: preservar a amizade, o respeito mútuo e também a arte que tanto valorizávamos. Embora dolorosa, essa decisão foi fundamental para o meu crescimento pessoal e profissional.

Nesse mesmo ano de 2017, ingressei no curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). A formação acadêmica trouxe uma nova perspectiva para a minha prática: passei a refletir sobre metodologias, teorias teatrais e processos criativos de forma mais aprofundada. Se antes a experiência era empírica, agora ganhava também embasamento científico e pedagógico.

Em 2018, voltei a acompanhar alguns trabalhos relacionados à encenação, e em 2019 tentamos retomar a Paixão de Cristo em Salgado. Chegamos a iniciar os ensaios, mas a pandemia da Covid-19 interrompeu todas as atividades artísticas e sociais, forçando-nos a suspender novamente o espetáculo. Esse período de pausa foi também um tempo de reflexão e amadurecimento.

Somente em 2023, retomei atividades voltadas ao teatro de forma mais direta, realizando oficinas e experimentos cênicos com jovens e adultos da comunidade. Esse movimento despertou novamente, em muitas pessoas, o desejo de ver a Paixão de Cristo de volta. A retomada aconteceu em 2024, de maneira mais madura e consistente. Graças à experiência adquirida nos anos anteriores e à bagagem

conquistada na universidade, pude orientar melhor a nova coordenação, tomar decisões mais rápidas e conduzir o processo com mais segurança e clareza.

Além do aspecto artístico e espiritual, é importante destacar também a dimensão produtiva da encenação da Paixão de Cristo em Salgado. A cada ano, o espetáculo mobiliza dezenas de voluntários, entre atores, técnicos, costureiras, cenógrafos e colaboradores da comunidade. Em média, cerca de 50 a 70 pessoas a dependendo do ano se envolvem diretamente na montagem, enquanto o público espectador, reunido na praça central, costuma variar entre 1000 a 2000. Esse envolvimento popular confirma não apenas o interesse pela narrativa sagrada, mas também a força do teatro comunitário como espaço de encontro e identidade.

A realização do espetáculo também conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Salgado, que tem contribuído, em diferentes edições, com infraestrutura, sonorização, iluminação e logística, viabilizando a ampliação do alcance do evento. Esse suporte institucional fortalece o caráter cultural da encenação, reconhecendo-a como patrimônio simbólico da cidade.

As impressões do público, colhidas em conversas informais, foram sempre muito positivas. Muitas pessoas relataram emoção ao assistir, destacando a clareza da mensagem transmitida, a grandiosidade da cena e o comprometimento dos atores. Alguns espectadores mencionaram que se sentiram mais próximos da fé e da história de Cristo, outros ressaltaram a importância de ver jovens e adultos da comunidade participando com tanto entusiasmo.

Do ponto de vista artístico, observo também a evolução do elenco ao longo dos anos. Muitos atores que tiveram sua primeira experiência em 2013 chegaram tímidos e inseguros, mas, com o tempo, ganharam confiança, aprenderam a projetar a voz, a compreender o sentido de suas personagens e a se entregar com mais verdade às cenas. Essa transformação individual e coletiva mostra que o processo foi, além de tudo, um espaço formativo: um lugar onde pessoas comuns, sem formação teatral prévia, se descobriram artistas e comunicadores da fé.

Na minha opinião, esse amadurecimento foi um dos maiores ganhos da encenação. Mais do que apresentar um espetáculo, conseguimos formar um grupo

que cresceu junto, se reinventou diante das dificuldades e hoje se orgulha de carregar consigo a responsabilidade de contar uma história milenar com autenticidade e emoção.

Assim, cada etapa da minha trajetória pessoal e acadêmica contribuiu diretamente para a construção do espetáculo. A encenação de 2025 é resultado de todo esse percurso: das primeiras experiências em Salvador, do sonho iniciado em Salgado em 2013, da pausa necessária em 2017, do aprendizado na universidade, da interrupção provocada pela pandemia e, finalmente, da retomada marcada por uma nova geração de artistas e colaboradores.

Este memorial tem, portanto, o objetivo de registrar essa caminhada e, ao mesmo tempo, refletir sobre os processos criativos e comunitários que envolvem a Paixão de Cristo em Salgado. Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará:

- Capítulo 1 – Dramaturgia: a estrutura básica da encenação e o processo de escrita do texto da Paixão de Cristo na versão apresentada em 2025, com atenção ao ritmo, à emoção e às intenções dramatúrgicas.
- Capítulo 2 – Direção: comparação entre a concepção de 2024 e 2025, destacando mudanças nas cenas e nos modos de condução do espetáculo.
- Capítulo 3 – Preparação de Elenco: descrição das oficinas realizadas, suas intenções pedagógicas e os resultados alcançados.
- Capítulo 4 – Cenário: registro visual e textual dos cenários, com fotos, nomes da equipe responsável e relato do processo de construção.
- Capítulo 5 – Figurinos: concepção dos figurinos, equipe envolvida e análise do impacto visual nas cenas.
- Capítulo 6 – Trilha Sonora: músicas escolhidas, sequência em que foram utilizadas e a importância da sonoridade para a narrativa.
- Capítulo 7 – Iluminação: concepção e aplicação da luz como elemento expressivo e simbólico na encenação.
- Capítulo 8 – Produção: organização, participação comunitária, aspectos financeiros e estratégias de comunicação utilizadas.

O texto completo da Encenação da Paixão de Cristo 2025 e a FICHA TÉCNICA estão no Apêndice. Para que o leitor também possa vivenciar essa experiência,

disponibilizamos o link da filmagem da Encenação à Paixão de Cristo 2025 em Salgado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FyLMaC6W0zs>

Assim, este memorial é um convite: conhecer a história, compreender o processo e sentir a emoção de um espetáculo que nasceu de um sonho, passou por pausas e recomeços, e hoje se afirma como tradição e como expressão de fé e arte em nossa cidade.

CAPÍTULO 1: DRAMATURGIA - ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE

A dramaturgia é o coração de qualquer encenação da Paixão de Cristo. É ela que organiza os episódios bíblicos, dá voz às personagens e conduz o público por uma narrativa já conhecida, mas que precisa sempre ser revivida com emoção e frescor. Em Salgado, a dramaturgia não se limita a repetir uma tradição; ela é constantemente recriada para dialogar com o público e com a realidade da comunidade.

1. Estrutura bíblica e base dramática

A Paixão de Cristo, conforme narrada nos Evangelhos, começa com Jesus orando no Jardim de Getsêmani, onde é capturado para ser interrogado pelos fariseus, e termina com sua ressurreição na Páscoa. O texto base da encenação em Salgado sempre seguiu essa linha essencial, pois é nela que reside o núcleo da mensagem cristã.

A dramaturgia foi construída com base nos relatos bíblicos da Paixão de Cristo, em especial os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João (BÍBLIA, 2009). A cena da Última Ceia, por exemplo, inspirou-se em Mateus 26:17-30, destacando o gesto simbólico de Jesus ao repartir o pão e o vinho. Já a Via-Crúcis seguiu a narrativa de João 19, evidenciando o sofrimento de Cristo, enquanto a Ressurreição remeteu ao relato de Mateus 28.

A construção dramática buscou equilibrar fidelidade ao texto sagrado com adaptações necessárias ao contexto cultural e social da comunidade. A dramaturgia exige constante negociação entre texto, encenação e recepção do público. Essa escolha permitiu aproximar a narrativa bíblica do público contemporâneo, sem perder sua essência espiritual.

Durante muitos anos, a estrutura permaneceu quase imutável. Pequenas adaptações eram feitas, como o acréscimo de falas de narradores, apenas para permitir que os atores tivessem tempo de se trocar ou se deslocar até outro cenário.

Esse fio condutor garantiu que a essência da história fosse preservada, mesmo em meio a ajustes práticos.

Com o passar do tempo, no entanto, percebi a necessidade de enriquecer a dramaturgia com cenas que mostrassem não apenas o sofrimento de Jesus, mas também a grandeza de seus gestos e milagres. Assim, foram sendo inseridos novos momentos, como a cena da samaritana jogando suas joias no poço e a de Maria Madalena sendo absolvida por Jesus. Essas passagens ajudaram o público a conhecer melhor não apenas o mártir da cruz, mas também o homem compassivo, capaz de tocar vidas e transformar corações.

Para mim, a dramaturgia da Paixão de Cristo em Salgado nunca poderia ser uma mera repetição do texto bíblico. Eu sempre a vi como uma ponte entre a narrativa sagrada e a realidade da comunidade. A cada ano, busquei pensar: *como esse episódio pode dialogar com o público de hoje?* Essa pergunta me guiou em cada adaptação, em cada corte de fala ou em cada inclusão de uma cena simbólica. Minha intenção foi sempre manter a fidelidade ao essencial, mas abrindo espaço para que a mensagem fosse compreendida por pessoas simples, muitas delas em sua primeira experiência com o teatro.

1.2. O processo de escrita em 2025

O texto utilizado em 2024 serviu como ponto de partida, mas em 2025 foi necessária uma reescrita criteriosa. A experiência mostrava que a narrativa precisava ganhar mais ritmo, evitando que cenas muito longas causassem dispersão no público. Assim, algumas falas foram encurtadas, diálogos repetitivos foram eliminados e a progressão dramática foi organizada em blocos mais ágeis.

O resultado foi uma dramaturgia mais envolvente, que alternava momentos de intimidade e silêncio, como a Última Ceia, com momentos de grande intensidade, como a prisão no Getsêmani e a crucificação. Essa alternância de tons do contemplativo ao explosivo manteve a plateia em constante expectativa.

Figura 1 – Capa do texto da Paixão de Cristo 2025 no dia da leitura



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Outro ponto importante foi a valorização da dimensão humana das personagens. Judas foi construído como alguém em conflito, dividido entre a lealdade e a ambição. Pilatos deixou de ser apenas o governador indiferente para ser mostrado como um homem pressionado politicamente. Maria ganhou mais falas, mais silêncio e mais presença, aproximando sua dor materna da experiência de tantas mães da plateia.

Figura 2 – Todo o elenco no dia da leitura do texto da Paixão de Cristo 2025



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Nesse processo de reescrita, percebi que não bastava contar a história, era preciso envolver o espectador em um ritmo que fosse emocionante, mas também compreensível. Sempre pensei que o público da Paixão de Cristo não é um público de teatro convencional: é formado por famílias, crianças, idosos e jovens da comunidade. Por isso, meu desafio era criar uma dramaturgia que fosse acessível, mas sem perder a densidade dramática. Essa reflexão guiou minhas escolhas em 2025: simplificar onde fosse necessário, mas intensificar os momentos-chave, para que todos pudessem sentir a força da mensagem.

1.3. Comparativo entre 2024 e 2025

Embora a base tenha sido a mesma, algumas diferenças foram fundamentais. Em 2024 a narrativa foi mais linear, com cenas longas e sem muitas inovações. O povo tinha papel mais passivo e a música funcionava mais como fundo.

Já em 2025 a narrativa foi mais ágil e simbólica, com cenas inéditas como a tentação de Maria por Satanás, maior participação do povo como voz coletiva e integração da trilha sonora à própria dramaturgia.

Resumidamente, em 2024 apresentamos um espetáculo fiel e tradicional e em 2025 inovamos no ritmo, na profundidade emocional e no uso dos elementos simbólicos.

1.4. Reflexão pessoal sobre a dramaturgia

Para mim, como diretor e dramaturgo, a dramaturgia da Paixão de Cristo vai muito além de simplesmente contar uma história. É um ato de testemunho artístico. Minha função não era apenas relatar os eventos dos Evangelhos, mas criar uma ponte emocional entre aquela narrativa sagrada e o coração de cada espectador.

Pensei a dramaturgia como uma ferramenta de evangelização sensorial. Não se trata de doutrinar, mas de proporcionar um encontro. Por isso, inseri também passagens não presentes nos evangelhos canônicos, como a cena da tentação de Maria. Essa escolha dramatúrgica nasceu da liberdade criativa que o teatro religioso-

popular permite, em que símbolos e imagens podem ser recriados para aproximar o público da mensagem central.

Minha intenção não foi alterar a tradição bíblica, mas revelar Maria não apenas como figura sacralizada, e sim como mulher de carne e osso, que também dúvida e sofre. Se uma mãe da plateia, assolada por problemas cotidianos, se identificasse com essa dúvida e, em seguida, visse a sua força ao dizer “não” a Satanás, então a cena cumpriria sua função: promover identificação humana e fortalecer a fé. A dramaturgia, nesse sentido, serve para tornar o divino humano, e o humano, divino e é nesse lugar de empatia que a fé e a emoção se encontram.

Meu objetivo final era sempre comover. Usei os recursos do teatro, o silêncio carregado de tensão no Getsêmani, a cena da samaritana jogando todas as joias no poço, a imagem de Maria Madalena reconhecendo que ninguém a condenava, a iconografia da cruz erguida diante do público, como iscas para o coração. Se o público não chorou, não se arrepiou ou não sentiu um nó na garganta, então eu teria fracassado como dramaturgo. Porque a Paixão não é uma lição de história; é um convite a sentir, no próprio corpo, o preço do amor e o triunfo da esperança.

Como dramaturgo, aprendi que o texto da Paixão de Cristo não é estático. Ele precisa respirar com a comunidade e se renovar a cada encenação. Acredito que minha maior contribuição foi ousar trazer novas cenas e novos olhares sem medo de arriscar. Sei que algumas escolhas podem ter causado estranhamento, mas penso que o teatro só cumpre seu papel quando provoca reflexão e emoção. Minha ideia nunca foi transformar a tradição, mas sim mostrar que ela pode dialogar com os dias de hoje. Se consegui emocionar e, ao mesmo tempo, fazer o público pensar, então considero que a dramaturgia cumpriu seu papel.

1.5. Conclusão

Portanto, a dramaturgia de 2025 não foi apenas um roteiro a ser seguido, mas um organismo vivo, construído para a comunidade, moldado pelo elenco e repensado pela direção. Ela manteve a fidelidade bíblica, mas ousou inovar para tornar a mensagem mais humana, mais próxima e mais intensa. Foi nesse encontro entre

tradição e criação, entre sagrado e humano, que a dramaturgia cumpriu sua missão maior: evangelizar por meio da arte, emocionando e transformando.

No entanto, olhando de forma crítica para o processo, reconheço que ainda enfrentei algumas limitações. Em certos momentos, senti que poderia ter arriscado mais em cortes de cenas longas ou em ousadias criativas que ficaram apenas no papel. Também percebi que algumas falas poderiam ter sido mais bem trabalhadas para dar mais fluidez ao espetáculo. Essa autocrítica é importante, porque me mostra que a dramaturgia nunca está “pronta”, mas em constante construção.

Ainda assim, considero que 2025 marcou um avanço significativo no meu trabalho como dramaturgo. Consegui imprimir mais da minha autoria, colocar minhas ideias de forma clara e, principalmente, perceber que a dramaturgia da Paixão de Cristo em Salgado não é apenas minha criação, mas um diálogo entre mim, o elenco e a comunidade. Essa consciência crítica é o que me impulsiona a querer melhorar sempre e a acreditar que o teatro só existe de verdade quando é capaz de se reinventar.

CAPÍTULO 2: DIREÇÃO – A ARTE DE GUIAR ENCONTROS

2.1. A Missão: Muito Além do Palco

Dirigir a Paixão de Cristo em Salgado sempre foi, para mim, uma missão que transcendia a encenação. O desafio nunca foi simplesmente organizar blocos cênicos, mas criar um ambiente sagrado onde cada participante, especialmente os iniciantes, pudesse ter uma experiência transformadora. Meu objetivo era duplo: que saíssem dali não apenas melhores artistas, mas pessoas tocadas em sua fé, tendo tido um encontro pessoal com a história de Jesus. Essa sempre foi a essência. Não se tratava de fazer teatro pela arte, mas de usar a arte como um instrumento de evangelização e salvação, acreditando piamente que “o teatro salva” salva do anonimato, da timidez, da desconexão e, sobretudo, da falta de fé.

2.2. A Referência: A Herança de Daniel Caliban

Minha bússola nessa jornada sempre foi o diretor Daniel Caliban, do Grupo Renascer, em Salvador. Foi com ele que tive meu primeiro contato com o teatro e testemunhei o poder que um diretor tem de facilitar não um espetáculo, mas uma experiência espiritual coletiva. Ele possuía um dom raro: conseguia extrair de cada pessoa, independentemente de sua experiência, uma entrega verdadeira que ia além da técnica, atingindo a dimensão do sagrado. Minha grande ambição, ao longo desses oito anos, tem sido importar um pouco dessa alma para as ruas de Salgado. Queria que minha direção fosse um canal para que, assim como ele fez comigo, eu pudesse proporcionar a outros esse encontro.

2.3. O Maior Desafio: A Beleza da Diversidade

A natureza comunitária da encenação é sua maior força e seu desafio mais complexo. Como dirigir um elenco plural em fé, idade, experiência e motivação? Nossa porta sempre esteve aberta a todos, independente de religião. O objetivo primordial sempre foi evangelizar, mas a estratégia era acolher. Essa diversidade me ensinou que a direção precisava ser, antes de tudo, um exercício de amor e paciência. Tinha que encontrar um ponto comum entre a doutrina católica, evangélicos

fervorosos e até ateus que chegavam movidos pela curiosidade artística. O teatro era a linguagem universal que nos unia, e a mensagem de Cristo, o fio condutor que, respeitosamente, oferecíamos a todos.

2.4. A Evolução do Diretor: Da Rigidez à Liderança Servidora

Figura 3 – Diretor passando as últimas orientações sobre como queria a cena



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Ao longo de oito anos, minha forma de dirigir passou por uma profunda metamorfose. No início, eu era jovem, ansioso e crítico. Buscava a perfeição e, quando algo saía diferente do combinado nos ensaios, minha reação era de frustração. Eu não entendia, na época, que aquele era um processo orgânico e humano. Acreditava que ser rígido era ser profissional. Cometi erros, e hoje reconheço que algumas pessoas podem ter levado minhas correções ásperas como algo pessoal, quando na verdade era apenas uma ânsia febril para que o coletivo crescesse junto e atingisse o potencial que eu enxergava.

Com o tempo, aprendi que a verdadeira liderança não grita; ela convida. Esse aprendizado veio da própria convivência com o grupo, quando percebi que a rigidez afastava em vez de aproximar, e do amadurecimento que a vida me trouxe. Aprendi a compartilhar responsabilidades, a delegar, a fazer com que cada pessoa, do protagonista ao figurante distante, se sentisse imprescindível para a grande máquina

cênica. Entendi que meu papel não era de um general comandando tropas, mas de um jardineiro cuidando de diferentes flores, cada uma com seu tempo de florescimento. Essa mudança de postura, fruto da prática comunitária e da experiência acumulada ao longo dos anos, foi o maior aprendizado da minha vida como diretor.

2.5. Escolhas Arriscadas: Fora da Zona de Conforto

Minha filosofia de direção sempre incluiu convocar as pessoas para além do que elas mesmas se enxergavam capazes. Muitas vezes, atribuí um papel não porque a pessoa estava totalmente preparada, mas porque eu acreditava que aquele desafio era necessário para seu crescimento. Foi preciso, em muitos casos, pular etapas do processo tradicional de preparação do ator, confiando na intuição e no poder de transformação que a narrativa sagrada tem por si só.

Figura 4 – Diretor olhando de perto e orientado a cena



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Na grande maioria das vezes, a aposta deu certo. Vi pessoas tímidas se tornarem portadoras de uma presença cênica tocante, e pessoas duras se abrirem em choro verdadeiro em cena. No entanto, também houve os que, no auge da pressão e da insegurança, pediram para trocar de papel até no dia da encenação. Esses momentos foram testes de fogo para minha nova postura: em vez de recriminar, precisei aprender a acolher o medo, negociar e encontrar soluções que preservassem

a integridade do espetáculo sem machucar a alma da pessoa. Era um equilíbrio delicado entre a exigência artística e o cuidado pastoral.

2.6. Conclusão: O Legado da Direção-Comunhão

Hoje, entendo que a direção da Paixão de Cristo foi minha maior escola de humildade e humanidade. Não se tratava de mim, sozinho, criar uma visão artística genial. Tratava-se de eu facilitar um espaço onde uma comunidade pudesse, junta, co-criar um momento de graça e beleza. Cada olhar de dúvida, cada sugestão de um ator amador, cada momento de crise que superamos juntos me ensinou que o verdadeiro espetáculo não está apenas na noite da apresentação, mas em todo o processo de nos tornarmos, temporariamente, uma família unida por uma história maior que todos nós.

A herança de Daniel Caliban se fez presente: não copiei suas técnicas, mas assimilei seu propósito. Espero, sinceramente, que cada pessoa que passou por esse processo sob minha direção tenha saído não só com memórias de um palco, mas com a marca de um encontro – consigo mesma, com o outro e, quem sabe, com o Divino. Essa sempre foi, e sempre será, a única métrica de sucesso que verdadeiramente importa.

A direção da Paixão de Cristo em 2025 representou um dos maiores desafios da minha trajetória, exigindo muito mais do que a organização cênica: foi um trabalho de mediação entre texto, elenco amador, recursos técnicos e a fé da comunidade. Busquei criar uma narrativa fluida e simbólica, equilibrando grandiosidade e intimidade, o que resultou em uma encenação clara e emocionalmente impactante, com destaque para a participação ativa do povo e a inserção de cenas inéditas que ampliaram a dramaticidade.

Embora a evolução de uma postura rígida para uma liderança servidora tenha sido fundamental para o amadurecimento do grupo, percebo que, em certos momentos, a busca pelo consenso pode ter suavizado excessivamente as demandas artísticas. A direção comunitária exige um equilíbrio delicado entre acolhimento e exigência, e em 2025, talvez, a balança tenha pendido mais para o lado do cuidado pastoral em detrimento de um aprofundamento cênico mais contundente. Isso se

refletiu, por exemplo, na centralização excessiva de decisões – fruto da ansiedade por assegurar o resultado –, o que gerou sobrecarga e limitou o aprofundamento de certas cenas e transições. Percebi, também, que a movimentação de alguns atores poderia ter sido mais diversificada para evitar repetições.

Apesar dessas fragilidades, a direção em 2025 marcou um avanço significativo, incorporando aprendizados acadêmicos e uma escuta mais atenta ao elenco. Compreendi, enfim, que dirigir esse espetáculo é menos exercer um comando e mais facilitar um processo coletivo, onde cada voz importa e a arte nasce do encontro. No futuro, buscarei conciliar melhor a dimensão humana com a excelência artística, sem renunciar a nenhuma das duas.

CAPÍTULO 3: PREPARAÇÃO DE ELENCO SEMEANDO O GOSTO PELO TEATRO, COLHENDO ENCONTROS

3.1. O Início: Mais que uma Oficina, uma Porta de Entrada

A preparação do elenco para a Paixão de Cristo nunca se resumiu a meros ensaios. Era, antes de tudo, um processo de acolhimento e iniciação. Eu sempre iniciei o trabalho com uma pequena oficina de jogos teatrais, um ritual de abertura projetado para aqueles que chegavam pela primeira vez, assustados ou curiosos, sem qualquer contato prévio com a linguagem teatral. Esses encontros iniciais eram a porta de entrada, uma maneira suave de apresentar o teatro não como um território intimidador de técnicas complexas, mas como um espaço lúdico de descobrimento e expressão.

Esse início foi fundamental para dar unidade à encenação. Spolin (2001) defende que os jogos teatrais são ferramentas essenciais para integração, espontaneidade e criatividade dos atores. Inspirados nessa abordagem, utilizamos exercícios práticos que trabalharam corpo e voz, fundamentais para sustentar a intensidade das cenas.

Figura 5 – Início da preparação dos atores com jogos teatrais



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Além disso, a preparação se tornou espaço de vivência espiritual. Muitos participantes relataram como o processo os aproximou da fé, confirmando a perspectiva de Boal (2019), para quem o teatro é um ensaio da vida real e um instrumento de transformação pessoal e coletiva.

A escolha estratégica de realizar essas oficinas no segundo semestre não era aleatória. Era um período de gestação. Um tempo para que o gosto pelo teatro e o desejo de atuar pudessem brotar naturalmente, longe da pressão imediata dos ensaios específicos da Paixão. O objetivo era simples, porém profundo: despertar o prazer. Prazer pelo jogo cênico, pela dinâmica em grupo, pela liberdade de se expressar com o corpo e a voz. Queria que as pessoas se apaixonassem pelo processo antes mesmo de entenderem o produto final.

3.2. A Metodologia: Os Jogos Teatrais como Ferramenta de Integração e Confiança.

A base dessas oficinas sempre foram os jogos teatrais, inspirados principalmente na obra de Viola Spolin. Estes exercícios não eram apenas "quebra-gelos"; eram ferramentas poderosas para:

- Criar Confiança: Jogos que exigiam escuta ativa e apoio mútuo quebravam a timidez inicial e construíam uma sensação de segurança dentro do grupo.
- Desinibir Corpo e Voz: Exercícios de expressão corporal e vocal libertavam os participantes de suas autoimagens limitantes, permitindo que explorassem novas formas de se comunicar.
- Fomentar o Coletivo: Dinâmicas em grupo mostravam, na prática, que o teatro é uma construção coletiva, onde cada indivíduo é essencial para o todo.

Era comovente ver aqueles que no primeiro dia mal conseguiam falar seu nome em círculo, algumas semanas depois, improvisando pequenas cenas com entrega e alegria. Essas oficinas não preparavam apenas atores; preparavam pessoas mais confiantes e despertas, tanto para o palco quanto para a vida.

3.3. A Transição: Da Oficina ao Ensaio

Quando os ensaios propriamente ditos para a Paixão de Cristo começavam, a diferença era nítida. Os "novatos" que haviam passado pelas oficinas não chegavam perdidos. Eles já entendiam termos básicos, já estavam habituados a se expor perante o grupo e, o mais importante, já traziam consigo a semente do gosto pela arte. A transição do trabalho lúdico das oficinas para a exigência narrativa da encenação era, portanto, muito mais orgânica e menos traumática.

Figura 6 – Grande parte do elenco reunidos ao final de mais um ensaio em frente da igreja



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

O vocabulário cênico já havia sido introduzido de forma leve, o que me permitia, como diretor, aprofundar a construção de personagens e a narrativa dramática sem precisar voltar aos fundamentos absolutos. O grupo já possuía uma unidade básica e um repertório comum de experiências, o que acelerava significativamente o processo criativo e fortalecia os laços de cumplicidade essenciais para encenar uma história tão densa.

3.4. O Resultado: O Teatro como Experiência Transformadora

O sucesso dessa metodologia não era medido apenas pela qualidade final do espetáculo, mas pelas transformações individuais que eu testemunhava. O adolescente tímido que agora projetava a voz, a dona de casa que descobria uma

força cênica impressionante, o idoso que revivia sua vitalidade através de um personagem, essas eram as verdadeiras vitórias.

A oficina inicial cumpria, assim, um duplo papel: era o alicerce técnico para o espetáculo e o fermento espiritual para o elenco. Ela garantia que, quando subíssemos ao "palco" da praça, não estaríamos apenas representando. Estaríamos vivendo uma experiência para a qual havíamos nos preparados juntos, como uma comunidade que, através do teatro, descobriu novas formas de se conectar, expressar e acreditar. Era a materialização da minha crença mais profunda: o teatro, de fato, salva.

A preparação de elenco sempre se mostrou um dos eixos mais delicados e, ao mesmo tempo, mais significativos da encenação da Paixão de Cristo. Trabalhar com atores amadores muitos em sua primeira experiência cênica exigiu de mim não apenas conhecimentos teatrais, mas paciência, sensibilidade e uma escuta atenta às histórias de vida que cada um trazia consigo. Em 2025, busquei ir além dos exercícios técnicos, incorporando reflexões sobre fé, empatia e coletividade, para que cada participante compreendesse que sua atuação não era mera representação, mas um gesto de testemunho e entrega.

A metodologia baseada em jogos teatrais mostrou-se eficaz para promover a integração e a desinibição inicial do grupo. No entanto, percebi que a transição do lúdico para as exigências dramatúrgicas do texto sagrado não foi suave para todos. Muitos dos atores, especialmente os mais tímidos ou com menor repertório cênico, encontraram dificuldades em transpor a espontaneidade dos jogos para a densidade emocional que a Paixão exige. Isso revela a necessidade de criar pontes mais intencionais entre a improvisação e a interpretação dirigida, com exercícios que preparem o corpo e a voz para a narrativa sacra sem perder a verdade interior que os jogos propiciam.

Em uma autocrítica sincera, reconheço que nem todos receberam a mesma atenção. A grande quantidade de participantes, a limitação do tempo e minhas próprias ansiedades me levaram, por vezes, a concentrar esforços nos papéis centrais, negligenciando a profundidade do trabalho com coadjuvantes e figurantes. Essa foi uma falha importante, já que acredito que cada pessoa em cena,

independentemente do tamanho do seu papel, deve sentir-se parte fundamental do todo. Além disso, sinto que não consegui estabelecer uma rotina pedagógica tão estruturada quanto desejava. Muitos ensaios tornaram-se espaços de marcação e organização logística, em detrimento de um aprofundamento artístico que poderia ter sido alcançado com mais exercícios de corpo, voz e construção de personagem.

Apesar dessas limitações, foi profundamente emocionante testemunhar a transformação gradual do elenco. A cada encontro, via olhares mais confiantes, vozes que ganhavam projeção e corpos que se abriam à expressão. Havia uma busca genuína por superar limites pessoais, e isso mais do que qualquer perfeição técnica era o cerne do processo. Essa evolução não era apenas cênica, mas humana e espiritual.

Saio dessa experiência com a certeza de que a preparação de elenco em um contexto comunitário como o nosso exige um equilíbrio constante entre acolhimento e desafio, entre técnica e afeto. Se, por um lado, preciso melhorar como orientador sendo mais equânime e metodológico, por outro, carrego a convicção de que o maior resultado não está na formação de atores, mas no despertar de pessoas mais confiantes, conectadas e transformadas pela arte e pela fé. E isso, talvez, seja a verdadeira essência do teatro que salva.

CAPÍTULO 4 CENÁRIO - A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO

A cenografia da Paixão de Cristo, em 2025, não surgiu de forma isolada: ela é fruto de uma caminhada gradual, construída ao longo de mais de uma década. Desde a primeira encenação, em 2013, quando tudo ainda acontecia dentro da Igreja Senhor do Bonfim, o espaço cênico sempre desempenhou um papel fundamental, sendo mais que um pano de fundo, um personagem silencioso que dialoga com a narrativa. Nos três primeiros anos, a igreja foi nosso principal palco: simples, mas carregada de simbolismo, capaz de transformar cada celebração em um ato de fé encarnado em espaço teatral.

A partir de 2016, o espetáculo passou a ocupar a praça em frente à igreja. Essa transição não foi apenas logística, mas artística: significou abrir o espetáculo para a comunidade, ampliar horizontes e trazer a encenação para o coração da cidade. Em 2024, com o apoio da Prefeitura, pudemos investir em estruturas maiores, inaugurando o uso de palcos fixos. Foi um marco importante, pois ofereceu novas possibilidades narrativas e cenográficas. Em 2025, essa conquista se consolidou com a manutenção de dois palcos fixos e a integração ainda mais consciente da fachada da igreja. Assim, a cenografia atual combina três dimensões: a imponência da igreja, a funcionalidade dos palcos e a criatividade de cenários complementares, transformando o espaço urbano em uma grande arena dramática.

A coordenação desse processo ficou a cargo de Talison Silva (coordenador geral de cenografia), junto com Gleydson Silva e Márcio Souza (coordenadores de cenografia), que, com dedicação e criatividade, ajudaram a transformar ideias em estruturas concretas, conciliando simbolismo, funcionalidade e impacto visual.

4.1. A frente da igreja como espaço cênico

A fachada da Igreja Senhor do Bonfim é, sem dúvida, um dos pontos centrais da encenação. Longe de ser apenas um “cenário natural”, ela é tratada como parte ativa da dramaturgia. Em determinados momentos, é o palácio de Pilatos; em outros, é o Calvário da crucificação. Sua imponência arquitetônica, aliada ao simbolismo

religioso que já carrega para a comunidade, reforça a dramaticidade das cenas e conecta o espetáculo ao território, criando uma experiência estética enraizada na fé popular.

Figura 7 – Cenário de Pilatos em frete a igreja



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

4.2. Os palcos e suas funções

A introdução dos dois palcos, iniciada em 2024 e mantida em 2025, trouxe dinamismo e clareza narrativa. Cada palco foi destinado a ambientes específicos, criando contrastes e facilitando a compreensão do público.

Figura 8 – Cenário de Caifás e Anas



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

O Palco 1 foi transformado no templo de Anás e Caifás, representando o poder religioso e sua influência nos julgamentos de Jesus. Como podemos observar na figura acima.

O Palco 2 foi convertido no palácio de Herodes, reforçando a dimensão política e a opulência da autoridade terrena. Ver figura abaixo.

Figura 9 – Cenário de Herodes



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Essa divisão espacial permitiu que cada palco tivesse uma função própria dentro da narrativa, com cenas acontecendo de forma alternada e bem delimitada. Assim, evitou-se o desgaste de longas transições de cenário, e o público pôde acompanhar a trama com clareza e fluidez, sempre envolvido pela dinâmica criada pela troca entre os espaços cênicos.

4.3. Cenários complementares

A fachada da igreja é um dos palcos principais da Encenação da Paixão de Cristo. Além dele construímos cenários específicos que enriqueceram a narrativa e ampliaram a imersão do público. Esses cenários, apesar de construídos com materiais simples, tiveram impacto expressivo, mostrando como a criatividade e o simbolismo podem superar a escassez de recursos financeiros.

Construímos o poço, elemento essencial para a cena da Samaritana, representando a “água viva” e tornando-se um ponto de encontro transformador. Na figura 10, a seguir podemos observar o lago com pedras e lona, usado no batismo de Jesus, para trazer mais realismo à cena, transformando um espaço simples em rio simbólico e o Monte do Getsêmani erguido com madeira, papel grafite e plantas, servindo como cenário da oração e da agonia de Cristo. Sua rusticidade reforçou o peso emocional do momento.

Figura 10 – Cenário do lago e o monte onde foi realizado a cena do batismo de Jesus.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

4.4. Recursos e parcerias

Boa parte dos cenários só foi possível graças às parcerias estabelecidas com uma empresa de decoração de eventos, que cedeu tecidos, objetos e adereços. Esses elementos deram acabamento e textura, reforçando a ambientação histórica sem a necessidade de investimentos elevados. Essa colaboração reafirma o caráter comunitário da encenação: a Paixão de Cristo é feita a muitas mãos, em um gesto coletivo que une arte, fé e solidariedade.

4.5. A experiência do público

Toda a praça foi organizada estrategicamente para garantir conforto e imersão. O público permaneceu sentado durante toda a apresentação, sem a necessidade de

se deslocar, o que favoreceu uma experiência estética mais tranquila e contemplativa. A disposição dos cenários permitiu que cada espectador tivesse uma visão ampla dos acontecimentos, acompanhando de forma linear e envolvente a trajetória de Jesus.

4.6. Avaliação crítica

O cenário da Paixão de Cristo, em 2025, consolidou um modelo maduro, que alia funcionalidade, simbolismo e impacto visual. A integração entre a fachada da igreja, os dois palcos e os cenários complementares mostraram-se eficiente e poética, ampliando a qualidade do espetáculo sem roubar o protagonismo dos atores e da história.

Se em 2013 tínhamos apenas o interior da igreja, em 2016 ganhamos a praça; em 2024 inauguramos os palcos; e, em 2025, alcançamos uma síntese que revela não apenas o crescimento da encenação, mas também sua capacidade de transformar o espaço urbano em palco sagrado. Cada detalhe cenográfico contribuiu para que a arte e a fé se encontrassem, consolidando a Paixão de Cristo como patrimônio cultural e espiritual da cidade de Salgado.

O cenário da Paixão de Cristo, em 2025, consolidou-se como um avanço significativo em termos de organização espacial e impacto visual, refletindo a maturidade alcançada ao longo dos anos. A opção pela fachada da igreja como eixo central, somada aos palcos fixos, conferiu solidez à narrativa e enraizou o sagrado no cotidiano da praça. No entanto, essa mesma estrutura ainda que funcional impôs limitações criativas.

A narrativa manteve-se predominantemente frontal, com pouca exploração de deslocamentos laterais ou interações que envolvessem o público para além do eixo central. Reconheço, criticamente, que faltou ousadia para ocupar o espaço urbano de forma mais integrada, perdendo a oportunidade de transformar toda a praça em um grande palco ritualístico, onde espectador e ator compartilhassem o mesmo chão simbólico.

Além disso, as restrições orçamentárias nos levaram a reaproveitar materiais de anos anteriores, o que, em certos casos, comprometeu a unidade estética e a

resistência das estruturas. Muitas soluções cenográficas foram improvisadas em cima da hora, resultando em elementos menos acabados do que o desejado.

Como diretor, assumo parte dessa fragilidade: envolvido com a dramaturgia e a preparação do elenco, não consegui dedicar atenção suficiente aos detalhes da construção cenográfica, deixando para a reta final ajustes que deveriam ter sido testados com antecedência. Esse distanciamento evidenciou a necessidade de integrar o cenário desde os primeiros ensaios, tratando-o não como pano de fundo, mas como território narrativo a ser explorado junto com os atores.

Apesar desses desafios, houve conquistas notáveis. A cruz erguida diante da igreja, o poço da Samaritana e o ambiente íntimo da Última Ceia tornaram-se imagens potentes, demonstrando que a força do teatro comunitário reside menos na grandiosidade material e mais na capacidade de converter o simples em significativo. Esses momentos confirmaram que a cenografia, em nosso contexto, é antes de tudo um ato de fé construído com criatividade, improviso e, sobretudo, com as mãos de quem acredita no que representa.

Assim, saio deste processo ciente de que é preciso investir em planejamento visual e apropriação mais ousada do espaço, mas também com a certeza de que o verdadeiro cenário não é feito apenas de madeira e tecido: é feito de memória, símbolo e pertencimento.

CAPÍTULO 5 – FIGURINO: A DRAMATURGIA VISUAL DA FÉ

O figurino da Encenação Paixão de Cristo, em 2025 foi, sem dúvida, um dos elementos mais desafiadores e, ao mesmo tempo, mais inspiradores da encenação. Desde o início, sabíamos que não seria possível executar todas as ideias que surgiram, já que o orçamento era bastante limitado. Tivemos de fazer escolhas estratégicas, priorizando personagens centrais como Jesus, Maria, Satanás 1 e 2, Anás, Caifás, os fariseus, o Anjo da Anunciação, Pilatos, sua família e Herodes. Para os demais, optamos por reaproveitar figurinos de anos anteriores, adaptando-os para criar uma unidade estética que dialogasse com os novos trajés.

Esse processo revelou uma verdade fundamental do teatro comunitário: muitas vezes, as limitações materiais estimulam soluções criativas mais poderosas do que a abundância de recursos. Ao longo da construção dos figurinos, aprendemos a fazer escolhas conscientes, onde cada cor, tecido e detalhe deveria ter uma função narrativa.

5.1. Estrutura em blocos

Para organizar o processo, as figurinistas Jeniffer Ribeiro, Luciene Oliveira e eu pensamos os trajés dos atores em blocos narrativos. Essa divisão foi essencial para garantir coerência visual e fortalecer o impacto coletivo de cada grupo. Foram várias horas de pesquisa na internet e em lojas de tecido.

No Bloco 1 – Jesus e sua família (Maria jovem, Maria mais velha, José e Jesus): tons claros, especialmente azul e branco, evocando pureza e espiritualidade. O azul de Maria também dialogou diretamente com a iconografia cristã, criando identificação imediata com o público. A figura 11, a seguir é uma referência do figurino que montamos para esses personagens.

Figura 11 – Figurino de Jesus, Maria e José



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

No Bloco 2 – Satanás 1 e 2: contrastes entre sedução e brutalidade. Satanás 1, vestido de branco, representava o mal mascarado de bondade; Satanás 2, com asas negras e corpo exposto, transmitia força bruta e terror conforme observamos nas figuras 12 e 13 que serviram de referência para a imagem e figurino desses personagens.

Figura 12 – Figurino de Satanás 1



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura 13 – Figurino de Satanás 2



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

No Bloco 3 – Anjos (da Anunciação e pós-tentação): tecidos leves, fluidos e brilhantes, reforçando transcendência e proteção divina.

Já no Bloco 4 – Seguidoras de Jesus (Maria Madalena, Marta, Maria irmã de Lázaro e a Samaritana): figurinos simples e rústicos, representando o povo e a transformação espiritual que cada uma delas viveu.

No Bloco 5 – Discípulos: roupas discretas e uniformes, marcando humildade e senso de coletividade.

Bloco 6 – Anás, Caifás e Fariseus: túnicas pesadas em preto e dourado, transmitindo poder, rigidez e distanciamento do povo.

Bloco 7 – Pilatos, sua família e Herodes: trajes mais sofisticados, tecidos de melhor acabamento e cores intensas, destacando a opulência e a vaidade da autoridade política. Herodes, em especial, ganhou visual caricatural, reforçando sua figura contraditória.

Bloco 8 – João Batista e Multidão: reaproveitamento de figurinos de anos anteriores, adaptados para reforçar rusticidade e coletividade.

Essa organização em blocos garantiu que cada conjunto de personagens tivesse uma identidade visual própria, mas, ao mesmo tempo, estivesse em harmonia com o todo.

5.2. O figurino como dramaturgia visual

Mais do que vestir atores, o figurino tornou-se parte da dramaturgia visual. As cores não foram escolhidas ao acaso: o branco de Satanás provocava desconforto, justamente por contradizer o valor simbólico da pureza; o preto e dourado dos sacerdotes sublinhavam o poder opressor; o azul de Maria aproximava a cena da tradição cristã e criava um elo direto com o imaginário popular.

Dessa forma, o figurino funcionou como signo teatral, ajudando o público a compreender a narrativa de maneira imediata e emocional. Cada traje, portanto, carregava em si um pedaço da história a ser contada.

5.3. Figurino e corpo do ator

Para mim, um dos momentos mais reveladores do processo foi perceber como o figurino impactava a atuação dos atores. Viola Spolin (2008) nos lembra que o jogo teatral se completa quando o corpo se deixa afetar por elementos externos, ativando novas possibilidades expressivas. Em 2025, isso ficou muito claro: houve atores que só encontraram a verdade de seus personagens depois de vestir suas roupas.

O peso das asas de Satanás obrigava o ator a modificar sua postura corporal, tornando-o mais imponente. O véu de Maria dava delicadeza e suavidade aos gestos da atriz. A túnica pesada dos sacerdotes reforçava olhares rígidos e deslocamentos mais contidos. Até os trajes simples dos discípulos criavam um senso de grupo, de pertencimento. Assim, o figurino deixou de ser mero adereço para se tornar extensão da atuação, potencializando emoções e corporalidades.

5.4. Dificuldades e aprendizados

Não posso deixar de destacar as dificuldades enfrentadas. Nem todas as escolhas foram fruto de estética pura: algumas foram definidas por necessidade. Em muitos casos, tivemos que adaptar figurinos já existentes, costurar manualmente

detalhes ou improvisar tecidos para alcançar o efeito desejado. Mas, no fim, esses desafios se tornaram aprendizados. Aprendi que o figurino não precisa ser caro para ser impactante; precisa, sim, carregar significado.

5.5. Conclusão

O figurino da Paixão de Cristo 2025 foi muito mais do que roupa: foi linguagem, foi símbolo e foi fé materializada em tecidos. Ao longo de todo o processo, percebi que o traje não só ajudava o público a compreender a narrativa, mas também ajudava os atores a se descobrirem em cena. Era como se, ao vestir o figurino, cada um assumisse uma nova pele, uma nova identidade, um compromisso espiritual.

Mesmo com todas as limitações financeiras, conseguimos construir imagens fortes: o azul de Maria, que emocionava pelo reconhecimento imediato; o branco perturbador de Satanás, que invertia sentidos; a opulência caricata de Herodes; a simplicidade dos discípulos; a rusticidade da Samaritana. Cada detalhe, mesmo improvisado, contribuiu para um espetáculo que marcou não só pela fé, mas também pela força estética.

Em retrospecto, percebo que o figurino da Paixão de Cristo deste ano sintetiza o espírito do nosso trabalho: comunitário, criativo, resistente e profundamente simbólico. Ele reflete não apenas a história que contamos no palco, mas também a história da nossa própria trajetória feita de luta, de limitações, de escolhas difíceis, mas, acima de tudo, de paixão.

Ao olhar para os figurinos da Paixão de Cristo, em 2025, vejo não apenas roupas, mas testemunhos. Vejo a fé costurada em cada ponto, a dedicação de uma equipe que acreditou no impossível, e o compromisso com uma arte que salva, que transforma e que evangeliza. O figurino foi, assim, um dos pilares que sustentaram a encenação, ajudando a transformar o espaço urbano de Salgado em palco sagrado, onde o divino e o humano se encontraram através da beleza simples e verdadeira do teatro.

Os figurinos da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, cumpriram um papel narrativo e simbólico fundamental, transcendendo sua função prática para se tornarem

veículos de significado e identidade visual. A organização em blocos cromáticos como o azul mariano, o branco perturbador de Satanás e o dourado opressor dos fariseus mostrou-se um acerto incontestável, conferindo clareza dramática e reforçando a dimensão espiritual da encenação.

No entanto, é preciso reconhecer que a disparidade de recursos entre os trajes principais e os figurinos reaproveitados gerou uma hierarquia visual não intencional, na qual certos personagens secundários pareciam menos integrados à linguagem estética do conjunto. Essa fragilidade expõe a necessidade de um planejamento ainda mais coletivo e antecipado, que envolva a comunidade não apenas na confecção, mas no próprio desenho visual, assegurando que cada corpo em cena independentemente do tamanho do papel carregue a mesma densidade simbólica.

Em uma análise crítica, percebo que as limitações materiais e logísticas ainda impõem barreiras significativas. Muitas peças, adaptadas de edições anteriores, apresentavam desgaste ou ajustes precários, o que por vezes comprometeu não só a estética, mas também a mobilidade e a verdade cênica dos atores. Além disso, a falta de tecidos adequados e a escassez de tempo impediram que explorássemos plenamente a textura e o movimento das roupas, elementos capazes de ampliar a expressividade corporal em cena.

Como diretor, assumo minha parcela de responsabilidade: a comunicação entre a coordenação de figurino e a direção poderia ter sido mais estreita e contínua. Em certas cenas, notei que as escolhas de cor e forma não dialogavam de modo ideal com a iluminação ou com a cenografia, perdendo oportunidades de reforçar simbolicamente momentos-chave da narrativa. Essa falta de integração entre os setores revela a importância de incluir o figurino como elemento ativo desde as primeiras etapas de criação, e não como complemento posterior.

Apesar dessas lacunas, houve conquistas notáveis. A dedicação das costureiras voluntárias e o empenho da comunidade em criar, com poucos recursos, figurinos cheios de significado, confirmaram que o valor do traje cênico em nosso contexto vai além do material: é gesto de fé, expressão de pertencimento e testemunho de uma arte que se faz com as mãos. Figuras como Jesus, Maria e Satanás ganharam potência visual inegável, mas foram os pequenos detalhes um véu,

uma sandália, um cinto que, juntos, construíram a atmosfera de devoção que marcou o espetáculo.

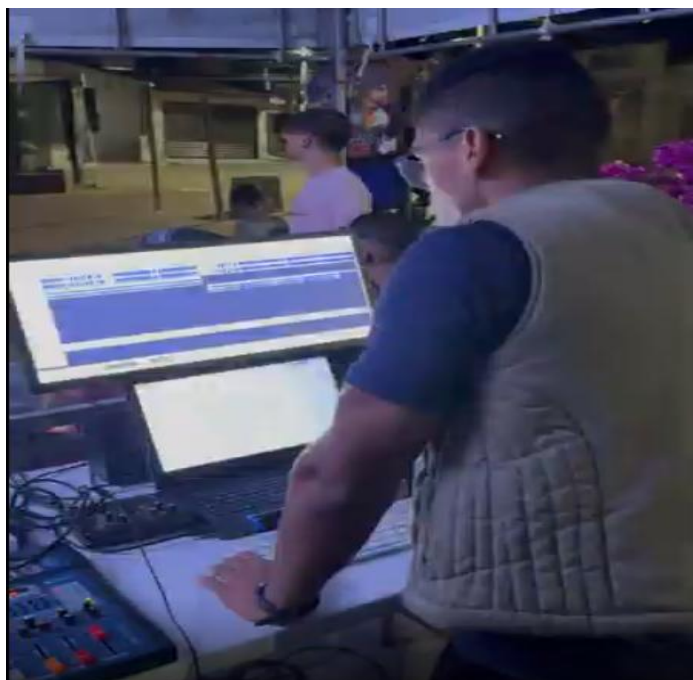
Saio deste processo com a certeza de que o figurino é linguagem viva no teatro comunitário. E que, mesmo com restrições, é possível transformar limitações em potência simbólica desde que haja intencionalidade, colaboração e a consciência de que vestir um personagem é também vestir uma história coletiva.

CAPÍTULO 6 TRILHA SONORA – A SONOPLASTIA DO SAGRADO

A trilha sonora da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, foi concebida como um elemento vital da encenação, muito além de um simples acompanhamento musical. Ela funcionou como uma linguagem paralela ao texto e à atuação, capaz de conduzir o espectador pelas diferentes atmosferas da narrativa: da dor ao júbilo, da angústia à esperança, da treva à luz.

Responsável pela montagem final da trilha, Izaías Messias foi fundamental para a materialização sonora da encenação. Ao lado da direção, as escolhas foram feitas com base não apenas na beleza ou popularidade das músicas, mas sobretudo em seu potencial de emocionar e de transportar o público para dentro da cena. Cada música foi escolhida porque tocava profundamente, porque antes de emocionar os outros, precisava primeiro emocionar a nós que estávamos no processo criativo.

Figura 14 – Izais na passagem de som e das falas



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

6.1 Sequência das músicas e suas funções dramáticas

Ave Satani (The Omen) – Cena da Tentação (Satanás 2) - Uma trilha sombria, quase ritualística, evocando a força maléfica. Seu tom grave e intenso reforçou a presença do mal e criou uma atmosfera de tensão dramática.

Tu és – *Cena da Samaritana* - Uma canção de encontro e revelação, marcada pela entrega da personagem. A música ajudou a transformar a cena em um momento de espiritualidade e reconhecimento da água viva.

Hosana hey, hosana há – *Entrada de Jesus em Jerusalém*
Um dos momentos de maior participação popular. A música, alegre e contagiante, trouxe a vibração da festa, contrastando com a proximidade da Paixão.

Julliany Souza – Quem é esse – *Cena da mulher adúltera (Maria Madalena)*
Uma escolha que reforçou a dramaticidade e a compaixão de Jesus. A música funcionou como um comentário emocional, ampliando a catarse do público.

Aline Barros – Ressuscita-me – *Cena da ressurreição de Lázaro*
A canção já conhecida pelo público cristão trouxe identificação imediata, elevando a emoção da cena ao mostrar o poder da fé que gera vida nova.

Jesus Erguendo-se da Ceia – *Cena do Lava-pés e da Santa Ceia*
Uma trilha mais contemplativa, favorecendo o clima íntimo e ritualístico dessa passagem central da narrativa.

Livres Para Adorar – Vai Valer a Pena – *Cena no Getsêmani*
O clima de dor, renúncia e entrega foi intensificado pela canção, que conduziu o público à empatia com o sofrimento de Cristo.

Adriana – Diário de Maria – *Cena de Maria com Jesus morto nos braços*
Uma das músicas mais emocionantes do espetáculo, trazendo a dor da mãe como experiência universal. A música, nesse caso, funcionou quase como uma oração.

Aleluia (Hallelujah) – *Antes da Ressurreição* - Símbolo da esperança que renasce, preparando o coração do público para o clímax da narrativa.

Celebrai a Cristo, Celebrai! – *Música Final* - Encerramento em tom festivo e jubiloso, celebrando a vitória da vida sobre a morte.

6.2 Trilhas instrumentais e efeitos sonoros

Além das canções, foram utilizados efeitos instrumentais como tambores, trovões e batidas graves, em momentos estratégicos. Esses sons serviram para marcar a dramaticidade, acelerar o ritmo e intensificar a experiência sensorial do público. A sonoridade de trovões, por exemplo, reforçou o clima de tempestade após a morte de Jesus, enquanto os tambores criaram tensão nas cenas de julgamento.

6.3. Reflexão pessoal

Para mim, como diretor, a música sempre foi mais do que fundo de cena: ela é personagem invisível da encenação. Meu critério principal de escolha era simples e profundo: a música precisava me tocar. Se ela não me fizesse refletir, se não me transportasse para dentro da cena antes mesmo de ela existir, então não era adequada.

A trilha foi concebida para não apenas emocionar, mas também provocar reflexão. Era fundamental que cada pessoa da plateia pudesse sentir que aquelas canções não estavam ali apenas para embelezar, mas para convidar à experiência espiritual.

6.4. Conclusão

A Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, seria completamente diferente sem a música. A trilha sonora foi a alma invisível do espetáculo, capaz de conectar público, elenco e narrativa em um só movimento. Ela deu ritmo às transições, ofereceu suporte emocional às cenas mais delicadas, e, acima de tudo, conduziu a comunidade a um mergulho espiritual profundo.

Graças ao trabalho conjunto com Izaias Messias, conseguimos estruturar uma trilha sonora que não apenas acompanhava a encenação, mas dialogava com ela em cada detalhe. Da tensão sombria de *Ave Satani* à alegria jubilosa de *Celebrai a Cristo*, *Celebrai!* cada escolha musical foi um ato de fé e de arte.

Como lembra Augusto Boal (2009), “o teatro deve falar todas as linguagens: do corpo, da palavra, do som e da música. Tudo é signo, tudo é comunicação”. A música, nesse sentido, não esteve a serviço apenas do entretenimento ou da emoção imediata; ela funcionou como linguagem teatral plena, carregada de signos, capaz de

ampliar o alcance da cena e de transformar espectadores em participantes sensíveis da narrativa.

Mais do que um recurso estético, a música foi evangelização através do teatro. Foi a ponte entre o visível e o invisível, entre a história sagrada e o coração humano. A trilha sonora cumpriu, assim, sua função maior: transformar o espetáculo em experiência, e a experiência em encontro.

A trilha sonora da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, foi pensada para ser mais do que um simples acompanhamento. Ela funcionou como elemento dramatúrgico, ajudando a intensificar a emoção das cenas e a guiar o público pelo fluxo narrativo. Músicas de caráter contemplativo marcaram momentos íntimos, enquanto composições mais intensas acompanharam cenas de dor, conflito e clímax. Essa integração fez da trilha sonora um verdadeiro personagem dentro do espetáculo.

Este ano, a escolha das músicas foi feita com muito cuidado, em parceria com o coordenador musical da encenação, Izaías Messias. Cada canção foi selecionada pensando no impacto emocional e na clareza narrativa. No entanto, a execução não correspondeu totalmente ao planejamento. A ideia inicial era contar com música ao vivo, valorizando a beleza das vozes de cantores locais.

Devido a falhas no sistema de som, algumas músicas precisaram ser substituídas por reprodução mecânica, o que comprometeu a atmosfera planejada. Além disso, a gravação dos cânticos não pôde ser realizada, já que, ao final da apresentação, todo o sistema foi desligado, impossibilitando salvar os registros no computador. Esses detalhes técnicos fizeram diferença e deixaram a sensação de que ainda há muito a melhorar nessa área.

Outro ponto de reflexão é que, embora a trilha tenha cumprido seu papel emocional e narrativo com competência, ainda peca por uma certa segurança na escolha de repertórios já consagrados do universo gospel. Essas músicas garantiram imediata identificação do público, mas também limitaram a possibilidade de criação de uma identidade sonora própria para a encenação. No futuro, seria interessante investir em composições originais ou em arranjos que dialogassem com a cultura local,

para que a trilha não funcione apenas como suporte, mas como uma camada autoral de interpretação da Paixão.

Apesar dessas limitações, não posso deixar de reconhecer o impacto positivo da trilha sonora. Houve relatos de espectadores que se emocionaram profundamente apenas com a combinação de música e imagem. Isso confirma que a trilha cumpriu sua missão, mesmo diante das falhas técnicas.

Para mim, a lição que fica é clara: a música é capaz de transformar completamente a recepção de uma cena, mas precisa ser tratada com ainda mais rigor técnico e criatividade artística. Em 2025 avançamos muito, mas ainda há um caminho a percorrer para que a trilha sonora se torne não só suporte, mas também um elemento identitário e inovador da encenação.

CAPÍTULO 7 ILUMINAÇÃO – MOLDANDO A ATMOSFERA

A iluminação da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, foi concebida não apenas como um recurso técnico, mas como uma verdadeira linguagem cênica, capaz de criar atmosferas, intensificar emoções e conduzir o olhar do público. O trabalho foi realizado por Ismael Messias, que já havia participado de outros anos da encenação e, em 2025, assumiu integralmente a responsabilidade pela criação luminotécnica. Todo o equipamento foi alugado de uma empresa especializada, o que possibilitou maior qualidade e diversidade de efeitos.

Desde o início, a proposta não era simplesmente “iluminar” o espaço para que as cenas fossem vistas, mas pensar a luz como dramaturgia. Cada foco, cada cor, cada intensidade deveria dialogar diretamente com o sentido da cena, acrescentando camadas de significado. Dessa forma, a iluminação foi planejada cena a cena, buscando tornar cada momento mais marcante e inesquecível.

7.1. A função simbólica da luz

A iluminação no teatro é, muitas vezes, responsável por dar ao espectador o tom emocional que a cena carrega. A Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, por se tratar de uma narrativa de contrastes entre luz e trevas, vida e morte, dor e esperança, exige um trabalho de iluminação que vá além da técnica. O desafio era transformar a luz em signo, capaz de traduzir visualmente o que as palavras e as músicas já transmitiam em outra camada.

A cena da tentação, por exemplo, utilizou luz vermelha intensa (Ver figura 15), criando uma atmosfera de inferno, de terror e medo. O público pôde sentir, através da cor, a opressão do mal que tentava se sobrepor à figura de Jesus. Já em momentos mais intimistas, como a cena de Maria com Jesus morto nos braços, a iluminação se restringiu a um foco branco concentrado, criando um espaço de silêncio, de dor e de contemplação. Ali, o público foi conduzido a enxergar não apenas a imagem da mãe com o filho, mas também a sentir a pureza e a intensidade desse amor em sofrimento.

Figura 15 – Ensaio com luzes na cena da tentação



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Outro momento de grande impacto visual foi a cena da Samaritana. Novamente, apenas a luz branca foi utilizada, mas de forma precisa, destacando o encontro entre a mulher e Jesus. A simplicidade da iluminação, aliada à força da trilha sonora, fez dessa uma das passagens mais emocionantes do espetáculo. O público percebeu que, muitas vezes, menos é mais: a ausência de efeitos complexos ressaltou a essência da cena.

7.2. A luz como narrativa visual

A encenação foi pensada como um grande mosaico de imagens vivas, e a iluminação teve papel fundamental na composição desse quadro. Cada cor, cada transição e cada foco foi desenhado como um ato narrativo silencioso, que dialogava com a dramaturgia e com a direção.

Se a música tocava o coração e o figurino ajudava a situar historicamente, a luz era o que dava espessura poética à cena. No Getsêmani, por exemplo, a penumbra reforçou a solidão de Cristo, enquanto pequenos feixes de luz davam a sensação de presença divina. Na crucificação, a iluminação destacou o corpo suspenso de Jesus, criando uma imagem de contraste entre dor e transcendência.

A luz não serviu apenas para “mostrar” os atores, mas para contar a história junto com eles. Essa concepção encontra eco na visão de Augusto Boal (2009), quando afirma que no teatro “tudo é signo e comunicação”. Assim como a música, a iluminação se tornou linguagem plena, inseparável do acontecimento cênico.

7.3. O impacto no público

Um dos maiores retornos recebidos do público após a encenação de 2025 foi justamente sobre os efeitos da iluminação. Muitos relataram que a luz dava a impressão de que a cena “saía da realidade” e se tornava um quadro vivo, um ícone em movimento. Essa percepção é resultado da intencionalidade do trabalho: cada efeito foi pensado não apenas para ser visto, mas para ser sentido.

A cena de Maria com Jesus morto nos braços talvez tenha sido o maior exemplo desse impacto. A ausência de cores, o silêncio cortado pela música “Diário de Maria” e o foco de luz branca criaram um momento de comoção coletiva. Nesse instante, a iluminação deixou de ser técnica e se transformou em espiritualidade.

7.4. Conclusão

A iluminação da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, consolidou-se como um dos pilares da encenação. Com o trabalho sensível de Ismael Messias, a luz deixou de ser mero recurso técnico e assumiu seu papel de linguagem teatral. Cada cena foi pintada com cores, sombras e focos que potencializaram a emoção e aprofundaram o sentido dramático.

Mais do que clarear o palco, a iluminação revelou a essência da Paixão. Revelou o contraste entre trevas e luz, entre pecado e redenção, entre morte e vida. Foi através dela que o público pôde ser guiado visualmente pela narrativa, mergulhando em atmosferas que iam do medo à esperança, da dor à celebração.

Em última instância, a luz cumpriu sua função maior: ser metáfora do próprio Cristo, que ilumina as trevas e guia os homens. Assim como o espetáculo não existiria sem atores, sem música ou sem cenários, também não existiria sem a iluminação, pois ela foi a voz silenciosa que deu forma, emoção e espiritualidade à encenação.

A iluminação sempre foi um dos pontos mais desafiadores da encenação da Paixão de Cristo em Salgado. Costumo pensar previamente em quais locais os refletores e canhões de luz devem ser posicionados, mas quase nunca consigo realizar ensaios completos com a iluminação. Na maioria das vezes, contamos com apenas dois ou três ensaios, normalmente um dia antes da apresentação, o que torna o processo muito corrido e impede ajustes mais detalhados. É somente nesse momento que percebo onde seria necessária uma luz mais adequada para destacar certas cenas.

Outro grande desafio é encontrar pessoas disponíveis para operar os equipamentos. A falta de uma equipe técnica fixa faz com que essa parte acabe sendo resolvida de última hora, o que compromete a precisão da execução. Reconheço que esse é um ponto em que precisamos melhorar muito, pois um espetáculo sem luz adequada perde boa parte da sua força estética e simbólica.

Ainda assim, o uso simbólico da luz foi, sem dúvida, um dos pontos altos da encenação em 2025. Os contrastes entre claro e escuro ajudaram a marcar a oposição entre bem e mal, a iluminação focal destacou a dor e a humanidade de certas personagens, e o jogo de sombras conferiu dramaticidade a momentos de grande tensão.

Contudo, a dependência de equipamentos alugados e a falta de um profissional dedicado exclusivamente à operação durante os ensaios limitaram a experimentação. Muitas escolhas luminotécnicas acabaram sendo definidas em cima da hora, o que impediu um refinamento maior dos efeitos e uma integração mais orgânica com a movimentação cênica.

Esse cenário aponta para a necessidade de incluir a iluminação desde as primeiras etapas do processo criativo, e não apenas como elemento de acabamento. Minha autocrítica é clara: preciso planejar melhor, buscar profissionais que possam assumir essa função com mais antecedência e integrar o desenho de luz ao trabalho dramatúrgico e de direção. Tenho consciência de que a iluminação não é apenas técnica, mas linguagem cênica, capaz de transformar completamente a percepção do espetáculo.

Portanto, embora tenha havido acertos simbólicos importantes, reconheço que ainda estamos longe de explorar todo o potencial expressivo da luz. Em edições futuras, espero conseguir superar as limitações atuais e oferecer ao público uma iluminação mais planejada, orgânica e artística, que esteja à altura da força da narrativa e da emoção da encenação.

CAPÍTULO 8 - PRODUÇÃO – A ENGENHARIA DO INVISÍVEL

A produção da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, foi um trabalho coletivo que exigiu organização, parcerias e, acima de tudo, dedicação. A cada ano, o desafio se renova, pois não se trata apenas de montar um espetáculo teatral, mas de mobilizar toda uma comunidade em torno da arte e da fé.

A produção da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, foi conduzida por Riclecio Cesário, que assumiu a função de produtor geral. Sua atuação foi fundamental para garantir que todas as áreas dialogassem entre si, articulando logística, recursos humanos e materiais de maneira integrada. Graças ao seu empenho, foi possível organizar cronogramas, viabilizar parcerias e assegurar que cada detalhe estivesse pronto no momento certo. O trabalho da produção não aparece diretamente no palco, mas é a engrenagem silenciosa que sustenta o espetáculo, e em 2025 essa função alcançou um nível de maturidade que possibilitou maior fluidez e segurança para toda a equipe.

A parte estrutural contou com o apoio da Prefeitura de Salgado, que viabilizou a infraestrutura básica do espaço cênico, como palco, e sonorização. Entretanto, muitos outros elementos dependeram de esforços adicionais. Equipamentos de iluminação, por exemplo, foram alugados de uma empresa especializada, assim como parte dos figurinos e adereços complementares.

A comunidade também teve um papel essencial: moradores ajudaram desde a costura e ajustes de roupas até a preparação de cenários e transporte de materiais. Pequenos comércios locais colaboraram com doações ou descontos, reforçando o caráter comunitário da montagem.

Além disso, a coordenação de produção precisou lidar com questões logísticas, como cronogramas de ensaio, transporte dos atores e organização do dia da encenação. Tudo isso exigiu um trabalho minucioso para que nada saísse do controle e para que o público pudesse assistir a uma apresentação fluida, sem perceber os bastidores complexos que a sustentavam.

Dois setores, em especial, tiveram um papel decisivo nesse processo: a Comunicação e Financeiro.

A Comunicação foi responsável por toda a divulgação da Paixão, utilizando principalmente as redes sociais para mobilizar a população. Também promoveu campanhas, produziu materiais de divulgação e registrou cada etapa da montagem, desde os ensaios até o dia da apresentação, garantindo a memória do processo.

Esse setor ficou sob a coordenação de Adelma Eduarda, que teve a responsabilidade de aproximar o espetáculo da comunidade e dar visibilidade ao trabalho coletivo realizado. Sua atuação garantiu a divulgação do evento, a articulação com os meios locais e o registro das etapas da montagem. A comunicação não se limitou à publicidade na página do Instagram (<https://www.instagram.com/paixaodecristosalgado?igsh=YmxkdmdjbmVrZW4z>), mas também fortaleceu os laços entre a encenação e o público, reforçando o caráter comunitário da Encenação da Paixão de Cristo em Salgado.

O Financeiro cuidou da captação de recursos. Essa equipe percorreu o comércio local em busca de patrocínios, organizou rifas e buscou alternativas para viabilizar a realização do espetáculo. Apesar da importância, foi um setor que sofreu com a falta de voluntários, o que sobrecarregou bastante os poucos integrantes disponíveis.

A área financeira, essencial para o equilíbrio e a viabilidade do projeto, foi conduzida por Ana Luiza, como tesoureira geral, em parceria com Gabriel Fraga e Joelisane, que atuaram como coordenadores financeiros. Esse setor teve a missão de administrar os recursos, controlar gastos e buscar soluções para que as necessidades da encenação fossem atendidas com responsabilidade. O trabalho do financeiro, muitas vezes invisível para o público, garantiu que cada área tivesse condições de desenvolver suas atividades sem comprometer a sustentabilidade do projeto.

8.1. Reflexão pessoal do diretor-produtor

Como diretor e produtor, vivenciei de forma intensa a tensão entre a parte artística e a necessidade de organização prática. Cada decisão criativa precisava ser pensada dentro das limitações de tempo, orçamento e recursos humanos. Muitas vezes, me vi assumindo funções que iam além da direção, como negociar patrocínios, organizar cronogramas e suprir a ausência de voluntários em setores essenciais.

Essa experiência me trouxe um aprendizado valioso: a produção de um espetáculo como a Paixão de Cristo não depende apenas do talento artístico, mas da capacidade de articular pessoas, recursos e estratégias. Aprendi a priorizar tarefas, delegar funções mesmo quando a equipe era pequena e manter a motivação do grupo diante das dificuldades.

A sensação de ver o espetáculo acontecendo, com todos os elementos se encaixando e o público emocionado, reforça a ideia de que cada esforço e desafio enfrentado valeu a pena. A produção é, de fato, o coração que mantém pulsando o corpo artístico da Paixão de Cristo, permitindo que ela continue a emocionar, envolver e transformar a comunidade.

A produção da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, apresentou avanços importantes em relação a anos anteriores. Houve mais organização e estrutura, o que permitiu que muitos aspectos logísticos fossem conduzidos com maior segurança. No entanto, ainda percebo que a produção sofre com uma forte centralização, especialmente nas figuras do diretor e do produtor geral, o que gera sobrecarga e impede que todos os detalhes sejam acompanhados como deveriam.

Mais uma vez, senti a falta de uma equipe dedicada exclusivamente à produção. Muitas vezes, deixei de perceber questões importantes em cena justamente porque não havia pessoas atentas e detalhistas para acompanhar cada setor. Isso ficou evidente em alguns momentos do espetáculo, em que determinadas cenas não aconteceram como planejado por falta de alguém para ajustar o cenário ou garantir que a transição fosse feita corretamente. Essa fragilidade mostra que nenhum diretor consegue dar conta de tudo sozinho: a produção precisa de uma equipe comprometida, numerosa e bem treinada.

A dificuldade foi engajar voluntários para áreas específicas, como o financeiro e a coordenação técnica. A ausência de responsáveis definidos nesses setores comprometeu a fluidez do processo e revelou a necessidade urgente de descentralizar responsabilidades. Para que a encenação se mantenha viva e sustentável ao longo dos anos, é essencial criar mecanismos de formação e rotatividade de coordenação, de modo que o conhecimento não se concentre em poucas pessoas, mas seja compartilhado coletivamente.

Apesar dessas limitações, considero que a produção da Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, cumpriu sua função básica de viabilizar o espetáculo, mesmo diante de tantas adversidades. Mas a minha autocrítica é clara: precisamos fortalecer esse setor com mais pessoas, mais planejamento e mais divisão de responsabilidades. Só assim a encenação poderá alcançar seu verdadeiro potencial e se afirmar não apenas como um evento religioso e cultural, mas também como um projeto comunitário sólido, autônomo e duradouro.

CAPÍTULO 9 CONCLUSÃO E REFLEXÃO FINAL

Encenar a Paixão de Cristo, em 2025, representou, para mim, mais do que um desafio artístico: foi um mergulho profundo em planejamento, gestão de pessoas, memória cultural e dedicação comunitária. Ao longo de mais de uma década à frente desta encenação, aprendi que cada edição é única, trazendo descobertas e exigências próprias. A montagem de 2025 se destacou pela complexidade e pelo amadurecimento coletivo que proporcionou, tanto ao elenco quanto à equipe técnica, e a mim, enquanto diretor e produtor.

O processo de preparação revelou, mais uma vez, a importância de equilibrar criatividade e disciplina. Na dramaturgia, buscamos respeitar a essência do texto sagrado e as tradições locais, sem deixar de inserir elementos que aproximassem a narrativa do público contemporâneo. Essa escolha exigiu sensibilidade para entender o que poderia ser adaptado e o que deveria permanecer intacto, preservando a sacralidade do espetáculo. A direção, por sua vez, exigiu coordenar mais de cinquenta atores e atrizes, entre papéis principais, coadjuvantes, figurantes e crianças, mantendo a coerência de cada cena, o ritmo da narrativa e o cuidado com a preparação cênica.

Um dos maiores aprendizados desse processo foi perceber que a produção, apesar de muitas vezes invisível ao público, é o verdadeiro alicerce do espetáculo. Cada etapa da captação de recursos à divulgação, da organização de ensaios à logística dos figurinos e cenários mostrou-se essencial. A equipe financeira, mesmo reduzida, garantiu que recursos fossem mobilizados para figurinos, cenários e equipamentos. O setor de figurino trouxe cuidado estético e impacto visual à encenação. A iluminação, pensada cena a cena, transformou momentos em imagens marcantes, e a trilha sonora potencializou emoções, integrando os aspectos técnicos à força dramática.

Nesse contexto, é importante destacar o papel do apoio institucional. A parceria com a Prefeitura de Salgado foi fundamental para viabilizar parte da infraestrutura, mas também revelou a necessidade de ampliar a rede de colaborações. Um espetáculo dessa dimensão não pode depender apenas do esforço individual ou de poucos voluntários; precisa de políticas culturais, patrocínios e de um planejamento que permita sua continuidade de forma mais autônoma e sustentável.

Os desafios enfrentados testaram nossa capacidade de adaptação. A limitação de voluntários em setores-chave, a falta de apoio financeiro em alguns momentos e os imprevistos típicos de uma produção dessa dimensão exigiram envolvimento extra da direção e da coordenação. Foram necessárias horas adicionais de trabalho, negociação e planejamento. Contudo, cada obstáculo vencido fortaleceu a união do grupo e ampliou nossa resiliência.

A comunidade desempenhou papel central em todo o processo. Em Salgado, a Paixão de Cristo não é apenas um espetáculo: é um evento cultural e social que mobiliza a cidade, gera pertencimento e cria memórias coletivas. Envolver moradores, comerciantes e patrocinadores não só viabilizou a montagem, como também reforçou vínculos afetivos. No dia da apresentação, esse envolvimento se traduziu em emoção compartilhada, algo impossível de ser alcançado apenas com técnica.

Os comentários do público após a encenação mostraram tanto o impacto positivo quanto os aspectos a melhorar. Muitos destacaram a força emocional do espetáculo e a beleza dos cenários e figurinos, mas também houve apontamentos sobre falhas técnicas, como som e iluminação. Esse retorno foi valioso porque reafirma o que funcionou e, ao mesmo tempo, nos orienta sobre o que precisa ser revisto. Paralelamente, percebi uma evolução significativa no elenco. O amadurecimento coletivo, fruto das oficinas e ensaios, resultou em interpretações mais seguras e emocionais, que ampliaram o alcance da mensagem.

Artisticamente, 2025 foi marcada pelo cuidado nos detalhes. Desde o figurino confeccionado com atenção ao simbolismo religioso, até os efeitos de luz que destacaram momentos-chave, tudo foi planejado para provocar impacto no público. Essa integração mostrou que o teatro é, antes de tudo, uma arte coletiva: cada contribuição, por menor que pareça, tem peso decisivo no resultado final.

Para mim, a Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, é muito mais do que um espetáculo: é a forma que encontrei de evangelizar através da arte e proporcionar um encontro pessoal com Jesus Cristo. Mas não se trata apenas de uma experiência espiritual; é também um espaço de transformação humana. Aqui, cada participante tem a oportunidade de se reconectar consigo mesmo e com o outro, seja perdendo a timidez, encontrando coragem para falar em público, refletindo sobre a própria vida ou simplesmente reconhecendo sua importância no mundo.

A Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, é inclusiva. Não importa a religião, orientação sexual ou crença de cada um: o teatro abre espaço para todos, sem julgamentos, oferecendo um caminho de acolhimento e empatia. Meu objetivo não é apenas levar pessoas a Deus, mas ajudar a “salvar almas” de maneiras mais amplas, resgatar valores esquecidos, como o olhar atento, o abraço sincero, a presença verdadeira, a escuta e o acolhimento nos momentos mais difíceis.

Quero que cada pessoa que participa da Paixão de Cristo tenha esse contato com Jesus de forma profunda, mas sem radicalismos. O teatro, em sua essência, é espaço de liberdade, reflexão e humanização. É através da arte que buscamos tocar corações, transformar vidas e reafirmar que o cuidado com o outro, o respeito e a empatia ainda podem florescer no mundo.

No aspecto pessoal, compreendi que o papel de diretor-produtor vai muito além da criação artística. Exige organização, escuta ativa, negociação constante e liderança firme, mas também sensibilidade para acolher, orientar e inspirar. Houve sobrecarga de tarefas, mas o compromisso com o objetivo comum e a paixão pelo projeto tornaram cada dificuldade superável. A cada cena montada, ensaio concluído ou obstáculo vencido, percebi o quanto a dedicação coletiva transforma um simples espetáculo em algo maior: uma experiência de fé, arte e comunidade.

A Encenação da Paixão de Cristo, em 2025, deixou marcas que vão além do espetáculo. Como diretor, compreendi ainda mais o alcance do teatro enquanto prática artística, pedagógica e social. Boal (2019) lembra que o teatro é uma arma de libertação, capaz de transformar indivíduos e comunidades. Essa foi, sem dúvida, a experiência em Salgado: um teatro que evangeliza, emociona e fortalece a identidade cultural.

Ao mesmo tempo, a encenação confirmou o poder transformador da Palavra (BÍBLIA, 2009), ao emocionar o público e renovar a fé dos participantes. O espetáculo mostrou que, quando arte e fé caminham juntas, o resultado é uma experiência estética e espiritual de grande impacto.

Por fim, levo comigo a certeza de que cada edição é uma nova oportunidade de crescimento, inovação e fortalecimento cultural. A experiência de 2025, com seus desafios e conquistas, servirá de inspiração para as próximas montagens. O espetáculo prova que, quando a arte se une ao espírito comunitário, ela não apenas emociona, mas transforma e deixa um legado que ecoa por muitos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

APÊNDICE

PEÇA DA PAIXÃO DE CRISTO

CENA 1

NARRADOR 1 – A história que agora vamos narrar aconteceu a mais dois mil anos atrás. Deus enviou seu filho para salvar a humanidade do pecado. e Jesus deu sua vida para remissão dos nossos pecados. Por isso hoje, mais do que assistir essa história, é preciso que cada um de nós reflita sobre os ensinamentos e o sacrifício que Jesus fez por nós. Jesus pregou a paz e o amor ao próximo – e ainda assim foi crucificado.

NARRADOR 2 Quantas vezes nós com nossos pecados não acrescentamos mais um espinho à sua coroa, mais uma martelada aos cravos que rasgaram sua carne? É preciso seguir sempre os ensinamentos de Jesus e não esquecer que somente através dele se vai ao pai. É preciso não esquecer do sacrifício que Jesus fez por nós na cruz. Vamos então refletir sobre a dor de Jesus para que possamos renascer para ele e junto com ele na Páscoa.

Anunciação Anjo: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; Reinará eternamente na casa de Jacó e o seu reino não terá fim.

Maria: Como se fará isso, pois não conheço homem?

Anjo: O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus, Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nenhuma coisa é impossível.

Maria: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. **(E o anjo afastou-se dela.)**

Satanás 1: (Com uma voz calma, quase sedutora)

Maria... jovem e pura. O anjo te trouxe uma mensagem grandiosa, não foi? Que tu serias a mãe do Salvador, o Filho do Altíssimo. Mas, Maria... já pensaste no que isso significa?

Maria nova: (Surpresa, mas firme)

Quem és tu, que entras aqui sem ser chamado? O anjo veio da parte de Deus, e eu aceitei a Sua vontade.

Satanás 1: (Sorri, com um tom de falsa bondade)

Ah, sim, o anjo. Mas, Maria, tu és tão jovem... tão frágil. Sabes o que te espera? Uma gravidez antes do casamento? As pessoas vão murmurar, vão duvidar de ti. José, teu noivo, talvez te abandone. E depois... o que será desse filho? Um rei? Um salvador? Ou apenas mais um homem condenado a sofrer?

Maria nova: (Com um olhar firme, mas com uma voz que treme levemente)

Eu confio em Deus. Ele me escolheu, e eu sou Sua serva. O que Ele planejou para mim, eu aceito.

Satanás 1: (Aproxima-se, com um tom mais insistente)

Confias em Deus, mas Ele te deu uma escolha, não foi? Ele te perguntou, Maria. Ele não te forçou. Tu ainda podes recuar. Podes dizer não. Podes viver uma vida simples, feliz, sem dor, sem sofrimento. Por que carregar esse fardo?

Maria nova: (Ergue a cabeça, com uma força interior que começa a brilhar)

Não é um fardo. É uma bênção. Eu não entendo tudo, mas sei que Deus está comigo. Ele me chamou, e eu respondi.

Satanás 1: (com um riso suave, mas ameaçador)

Uma bênção? Ah, Maria... tu não sabes o que estás a dizer. Esse filho que carregarás trará dor ao teu coração. Ele será rejeitado, perseguido, e tu verás tudo isso. Serás capaz de suportar?

Maria nova: (Com lágrimas nos olhos, mas com voz firme)

Se for a vontade de Deus, eu suportarei. Ele me dará forças.

Satanás 1: (Recua, com um olhar de desprezo)

Tão ingênua... tão frágil. Mas eu voltarei, Maria. Quando a dor bater à tua porta, lembra-te de mim.

(Satanás desaparece nas sombras, e Maria cai de joelhos, respirando fundo. Ela olha para o céu, com um misto de medo e determinação.)

José: Maria, Maria, Maria cadê você?

Maria nova: (Com voz suave, mas tremendo)

José... preciso falar contigo. Algo aconteceu. Algo que mudará as nossas vidas para sempre

José: calma Maria vamos entrar para você me contar tudo.

NARRADOR 3 - Passados 30 anos do Nascimento, Jesus deu início a sua vida pública. Foi nesse tempo que Deus enviou sua palavra a João filho de Zacarias, no deserto. João percorria toda a região do Jordão pregando um batismo para conversão dos pecados.

João Batista: Arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo. Como dizia o profeta Isaías... Vós que clama no deserto, preparai o caminho do senhor e endireitai suas veredas. Façam coisas para provar que se converteram e não comecem a pensar. Abraão é nosso pai. Porque eu lhes digo... **(pega algumas pedras no**

cabeça) Veja! (**gritando**) “Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares.”.

Jesus – Afasta-te Satanás! Está escrito: “adorarás o Senhor teu Deus, e a Ele só servirás”!

Satanás: ainda não acabou Jesus de Nazaré (risos).

CENA 2

Narrador 4: Quando Jesus ficou sabendo dos planos dos fariseus, saiu da Judéia com seus discípulos. No caminho para Judéia tinha que passar pela Samaria, depois de longa caminhada, ele chegou a uma cidade chamada Sicar, perto das terras que Jacó tinha dado ao seu filho José.

Narrador 1: Era quase meio-dia, o sol estava muito quente, Jesus fatigado da viagem sentou-se a beira do poço de Jacó. Uma mulher samaritana com uma jarra na cabeça aproximou-se, ficou surpresa. Geralmente naquela hora do dia ela nunca encontrava ninguém. Deixou o jarro no chão, baixou o balde dentro do poço e o retirou cheio d’água.

Jesus: Dar-me de beber!

Samaritana: Como sendo tu judeu, me pedes de beber a mim que sou mulher samaritana?

Jesus: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: dar-me de beber, tu lhe pedirias. E ele te daria água viva.

Samaritana: Senhor, tu não tens com que tirar. E o poço é fundo. Onde tens a água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?

Jesus: Qualquer um que beber desta água não tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede, porque a água que eu lhes der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.

Samaritana: Senhor dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la.

Jesus: Vai, chama o teu marido, e vem cá.

Samaritana: Não tenho marido.

Jesus: Dissestes bem: não tenho marido. Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido. Isto dissestes com verdade.

Samaritana: Vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e Vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.

Jesus: Mulher crê-me que à hora vem, em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus.

Mas à hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o pai procura a tais que assim o adorem. Deus é espírito, e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade.

Samaritana: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando Ele vier, nos anunciará tudo.

Jesus: Eu o Sou, eu que falo contigo.

CENA 3

Narrador 3: E a cada dia que se passava, Jesus com seu jeito simples e cativante de ser, conquistava mais e mais corações. Através de seus gestos e pregações abria a fé e a esperança no coração das pessoas, que faziam o possível para segui-lo e estar sempre ao seu lado, sendo Ele saudado com ramos e glória.

Narrador 4: Foi a primeira vez que Jesus se deixou ser proclamado rei pelo povo. Sendo que esse mesmo povo que o aclamava e o declarava como rei, também o condenaria.

(O local é invadido por uma multidão de pessoas que entram se perguntando se Jesus já havia chegado.)

Discípulos – Bendito o que vem em nome do Senhor!

Mulheres – Rei de Israel! Hosana nas alturas!

Multidão – Hosana ao filho de Davi!

Jesus entra na praça acompanhado pelos seus discípulos

À medida que Jesus passa, a multidão vai seguindo-o até chegar o local em frente a igreja. (Lá o povo se senta e Jesus prega.)

Jesus – É chegada à hora para o Filho do Homem ser glorificado. Em verdade vos digo: dia virá em que destas construções não ficará pedra sobre pedra. Dentre vós escolherei 12, aos quais levarão meus ensinamentos: Pedro, André, Thiago, João, Felipe, Bartolomeu, Tomé, Matheus, Thiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão, Judas. Voz sois os escolhidos, de voz farei pescadores de homens. Não vão aos lugares onde vivem os não judeus, nem entre nas cidades dos samaritanos, pelo contrário, recuperem as ovelhas perdidas do povo de Israel, pois eu vos digo bem-aventurados, voz que sois pobres, vosso é o reino de deus. Bem-aventurados vós que tendes fome, pois sereis saciados. Bem-aventurados vós que agora chorais, pois sereis consolados. Bem-aventurados os que tem sede de justiça, pois sereis justificados. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os meigos, porque possuíram a terra. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus. Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo. Agora vamos.

Mulher adúltera

(Entra Anás e os fariseus com pedras nas mãos. Trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério).

Anás: Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o Senhor, o que diz?

(Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo).

Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse).

Jesus: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar a primeira pedra".

(inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão)

(Os que o ouviram foram saindo. Um de cada vez, começando pelos mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele).

Jesus: "Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou"?

M.^a Madalena "Ninguém, Senhor."

Jesus: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado."

(Entra a música: *Eu não esqueço* - Diego Fernandes)

(Terminada a pregação, Jesus sai seguido dos discípulos e do povo que sai comentando a respeito da sabedoria dele. O servo de Anás sai pela outra lateral e entram Anás e Caifás).

MILAGRE DE LAZARO

Marta: senhor, senhor!(ela abraça Jesus) se tivesse vindo antes Lázaro não teria morrido, clame a Deus e ele te responderá.

Jesus: calma Marta, ele vai ressuscitar.

Marta: eu sei, na ressurreição do último dia todos vão ressuscitar.

Jesus: Marta eu sou a ressurreição, quem crê em mim ainda que esteja morto viverá porque eu sou a vida eterna você crê em mim Marta?

Marta: eu creio Mestre que tu és o filho de Deus e que não existe outro além de ti.

Jesus: onde está a Maria?

Marta: maria o mestre te chama.

(maria levanta da cadeira e saí correndo)

Maria: (lança-se aos pés do senhor) ah senhor! se estivesse aqui meu irmão lázaro não teria morrido.

(jesus se comove)

Jesus: onde os sepultastes?

Maria: vem senhor vou te mostrar.

(jesus chora)

(MÚSICA RESSUCITA-ME ALINE BARROS)

Jesus: lazaro vem para fora

(JESUS SAI COM OS DISCIPULOS, MAS JUDAS PÁRA NO MEIO DO CAMINHO E SEGUE PARA O OUTRO LADO, EM SEGUIDA SAEM MARTA, LÁZARO, E MARIA ENTRAM ANÁS, CAIFÁS, E O SERVO QUE FICA ESPERANDO JUDAS NOS DEGRAUS.)

CENA 4

Narrador 1- Por ter feito muitos milagres e pelo seu discurso de transformação Jesus passava a chamar muito a atenção dos doutores da lei. Fazendo com que eles comessem a tramar a sua morte.

Narrador 2 – Jesus com suas pregações veio dar ao mundo luz e testemunho do verdadeiro caminho para salvação. Mas os corações encontraram-se endurecidos.

Caifás - Isto não está certo! Precisamos tomar logo alguma providência. Este profeta da Galileia, a quem chamam de Jesus de Nazaré, está arrebanhando multidões para ouvir seus ensinamentos.

Anás - É verdade Caifás, este Jesus se autoproclama filho Deus e sai por toda região fazendo milagres e curas, até mesmo no sábado, dia que deve ser guardado segundo as leis de Moisés. **(entra o servo de Anás)** Enfim chegastes! Vamos, conta-me as novidades.

Fariseu 1 – Anás meu mestre, trago notícias de Jesus de Nazaré que entrou em Jerusalém saudado com hinos e ramos de palma por uma grande multidão. Foi uma entrada triunfal como esta cidade nunca viu.

Caifás - Está vendo? Este profeta está se tornando uma ameaça para nós, se não nos livrar-nos dele o povo o aceitará como Messias.

Anás - Que faremos? Este multiplica os milagres. Se o deixarmos proceder assim, todos crerão nele, e os romanos virão e arruinarão e destruirão a nossa cidade e toda à nação.

Fariseu 1 - Isso não pode acontecer meus senhores!

Anás - Se não o detivermos logo, é o que vai acontecer. Afinal ele é muito popular, tem pregado muito em suas peregrinações contra as nossas leis, tem curado cegos e aleijados. Mas o que não consigo entender é como um homem que come ao lado de pecadores e tratar samaritanos e prostitutas como seus iguais, pode atrair tantas pessoas?

Caifás - Vós não entendeis nada! Nem considerais que vos convém que morra só um homem pelo bem geral, do que não pereça toda uma nação? E este homem só pode ser um...

Anás - Jesus!

Caifás - Exatamente! Agora venha comigo. Precisamos acertar os detalhes deste plano.

CENA 5

Narrador 3 - Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi para Betânia, onde estava Lázaro, que havia morrido e fora ressuscitado dentre os mortos. Então, ofereceram-lhe um jantar; Marta servia, enquanto Lázaro era um dos convidados, sentado à mesa com Jesus. Maria pegou uma libra de bálsamo de nardo puro, um óleo perfumado muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos

JUDAS: Por que este bálsamo perfumado não foi vendido por trezentos denários e dado aos pobres?

JESUS: Deixa-a em paz; pois para o dia da minha sepultura foi que ela guardou isso. Quanto aos pobres, vós sempre os tereis convosco, mas a mim vós nem sempre tereis

CENA 6

Narrador 4 - É necessário apressar-se, e arrumar uma maneira de dar um jeito em Jesus. A cada momento que se passava, os fariseus tinham sua supremacia ameaçada, tinham a imagem, e de tudo aquilo que construíram denunciada pela verdade e a sabedoria trazida por Cristo. Jesus não veio para abolir a lei. Mas sim dar pleno cumprimento a ela.

Narrador 1 - Mas é verdade que a um profeta se respeita pois este transmite autoridade. A um poderoso se teme. E os que ali se encontravam tinham seu poderio ameaçado pela autoridade de Jesus.

Anás - O tempo é curto, nós somos os encarregados do templo, e Jesus quer mandar. Se não nos livrarmos dele agora não sei o que será.

Caifás – Não! A cidade está muito cheia de gente que crê n'Ele. Temos que esperar mais, pois não devemos executar o plano no dia da Páscoa senão o povo irá se revoltar.

Fariseu - Senhores, há um homem chamado Judas querendo falar-lhes.

Caifás – Não conheço nenhum Judas, mande-o embora.

Anás – Espere! Eu conheço esse Judas, ele é um dos discípulos de Jesus. Vejamos o que ele tem a nos dizer.

Judas – Eu quero falar com o chefe dos sacerdotes.

Anás – Eu sou Anás, sogro e conselheiro de Caifás, o sumo sacerdote.

Judas – Sei que vós desejais livrar-se de Jesus. Quanto me dará se eu vos entregar o nazareno?

Caifás – Poderemos lhe dar uma boa quantia em dinheiro trinta moedas de prata. Está bom? (**Judas aceita e sai**) Um momento! Que sinal teremos de tua traição?

Judas – Aquele que eu beijar é Jesus de Nazaré (**sai**).

Caifás – (**olhando radiante para Anás**) Está feito! (**saem todos**).

CENA 7

Narrador 2 - Os presentes não compreenderam o que dissera Jesus. Como último sacrifício, o cordeiro imolado. Eles não entenderam que ele se referia ao templo do seu corpo.

Sabendo pelo que teria que passar, quis ter com os seus. Chamou os discípulos à ceiar junto com eles.

Narrador 3 - Os discípulos não entendiam o que se passava. Por que todos aqueles preparativos? E mais uma vez o grande Mestre dá um de seus grandes ensinamentos. Aquele que deseja ser "senhor" de todos deve primeiro servir a todos.

(entram Jesus e os discípulos para a última ceia)

Jesus – Tenho desejado ansiosamente comer convosco este cordeiro pascal antes da minha paixão. Porque eu vos digo: de agora em diante não mais o comerei convosco, até que minha páscoa se cumpra no reino de Deus. Agora tenho algo mais a fazer.

(Jesus pega um jarro com água, bacia e toalha e lava os pés dos discípulos)

Pedro – Senhor queres lavar-me os pés?!

Jesus – O que faço não compreendes agora, mas compreenderás em breve.

Pedro – Senhor, jamais consentirei que me lave os pés!

Jesus – Não terás parte comigo se não lavar os teus pés.

Pedro – Se é assim, lava-me não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!

Jesus – Quem sai do banho, só precisa lavar os pés, para estar inteiramente limpo. Também vós estais limpos, mas nem todos.

(Judas se assusta, mas ninguém nota. Jesus termina de lavar os pés e vai para a mesa seguido dos discípulos.)

Jesus – Em verdade vos digo: o servo não é maior do que seu senhor. E já que vos lavei os pés, eu que sou o Senhor e Mestre, vós também deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos um exemplo, a fim de que façais como eu fiz convosco. ***(em seguida Jesus toma o pão e o benze)***

Jesus - Tomai e comei. Isto é o meu corpo que será entregue por vós.

(Depois de entregar aos discípulos o pão e de ter benzido o cálice com vinho.)

Jesus – Tomai todos e bebei, este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança que será derramado por todos para a remissão dos pecados. Fazei isto em minha memória. ***(depois que todos comem e bebem)*** Em verdade, em verdade vos digo: um de vós há de me trair.

(Todos se assustam)

Pedro - Serei eu senhor?

João – Senhor, quem é?

Jesus – É aquele a quem eu der o pão embebido no vinho. ***(e o entrega a Judas que fica assustado).***

Judas – Por acaso sou eu Mestre?

Jesus – Tu o disseste. Agora parta. O que queres fazer faça-o depressa. ***(Judas parte assustado)*** Aproxima-se o momento em que devo partir, mas ao deixar-vos, eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado. Assim também vós deveis amar-vos uns aos outros.

Pedro – Senhor, para onde vais?

Jesus – Para onde vou, não podeis seguir-me agora. Mas irás mais tarde!

Pedro - Senhor, por que não posso te seguir agora? Darei a minha vida por ti!

Jesus - Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: antes que o galo cante, tu me terás negado três vezes.

Pedro – Ainda que seja necessário morrer contigo, jamais ti negarei!

Jesus – Vamos ao jardim de Getsemani. Devo orar.

(enquanto os discípulos partem, Jesus escolhe Pedro, Tiago e João e diz aos outros.)

Jesus – Assentai-vos aqui, enquanto vou fazer oração.

(os discípulos ficam no lugar indicado e os outros três sobem os degraus com Jesus)

Jesus – ficai aqui e vigiai comigo.

Jesus – Meu Pai se é possível, afasta de mim este cálice! Porém não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres.

Satanás: Jesus desista dessa ideia de louco. Você não vê que eles não estão nem aí para você. Veja aqueles que você escolheu para serem seus discípulos.

(Jesus fica orando por mais um tempo até que se levanta e vai ter com os discípulos que estão dormindo)

Jesus – Pedro por que dormes? Não pudestes vigiar uma hora comigo? Vigiai e orai para não cairdes em tentação, pois o espírito está preparado, mas a carne é fraca.

Satanás: veja Jesus são esses que você escolheu para lutar ao seu lado contra os poderosos. Este aqui ira te negar. Jesus são todos fracos, covardes e não iram até o fim.

Jesus: (volta a rezar) Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se vossa vontade. *(volta e observa os discípulos que voltaram a dormir e vai rezar novamente).*

Satanás: Jesus de Nazaré desista disso tudo. Não vale a pena. O fardo é muito pesado. Tudo o que você pedir a Ele é possível. E Ele te entenderá.

Jesus: Abá! Ó pai! Tudo te é possível, afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, apenas o que tu queres.

(Jesus acorda os discípulos e partem. Enquanto Ele fala os soldados chegam para prendê-lo)

Jesus – Eis que chegou à hora em que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos e vamos. Aquele que há de me trair já está perto.

Judas – Mestre, eu vos saúdo! *(e o beija)*

Jesus - Judas com um beijo trai e vende o filho do homem? *(para os soldados)* a quem procuras?

Soldados – A Jesus de Nazaré!

Jesus – Sou eu *(tumulto geral)* a quem procuras?

Soldados - A Jesus de Nazaré!

Jesus – Já vos disse que sou eu. Se fores a mim que procuras, deixais que estes partam.

(os soldados agarram Jesus e o prendem. Os discípulos fogem, ficando apenas Pedro e João que observam de longe. Os soldados saem com Jesus, seguidos de perto por Pedro e João. Entram Anás, Caifás e os samaritanos)

CENA 8

Anás - Onde está Jesus?

Caifás - Os soldados já vão trazê-lo.

Anás - E o que faremos?

Caifás – Como eu já disse, convém que um só homem morra em lugar do povo.

Anás – *(com cinismo disfarçado)* Sim... Tu o disseste...

(enquanto os soldados entram com Jesus, uma mulher passa e reconhece Pedro)

Mulher 1 – você... Eu o vi com Jesus de Nazaré!!

Pedro - mulher, eu nem sei quem é este homem... *(a mulher sai)*

(os soldados deixam Jesus em frente a Anás e Caifás)

Anás – *(cinicamente)* Jesus de Nazaré... Por acaso tens conhecimento de tua popularidade? Ouvi dizer que em tuas pregações tu dissessestes que destruirás o templo feito por mãos de homens e em três dias edificará outro que não será feito por mãos de homens. É verdade? E o que tens a dizer sobre suas charlatanices que o povo chama de milagres?

(Jesus nada responde)

Caifás – Não respondes nada? O que é isto que dizem contra ti? *(como Jesus fica em silêncio, ele prossegue)* diz-nos se és o Cristo?

Jesus - Se eu disser, não acreditarão e se eu fizer qualquer pergunta não me responderão. Mas em breve o filho do homem estará sentado à direita do poder de Deus.

Soldado – *(dá um tapa)* É assim que responde ao sumo sacerdote?

Jesus - Se falei mal, mostra-me onde está o mal, mas se falei bem por que me bates?

Caifás – Então tu és o filho de Deus?

Jesus – Sim, eu sou!

Anás - Blasfêmia! Blasfêmia! Não precisamos mais interrogá-lo. Acabais de ouvir a blasfêmia! Que vos parece?

Caifás - Este homem merece a pena de morte! É réu de morte!

Soldados – Réu de morte! Réu de morte!

Caifás – Pilatos já deve estar chegando ao pretório. Vamos entregar o nazareno para que o julgue.

(todos batem em Jesus e depois saem a exceção de Pedro que assistia ao interrogatório).

(vem trazendo uma talha, pára e observa o final do interrogatório e olha para Pedro e o reconhece.)

Mulher 2 – Tu também estavas com Jesus de Nazaré.

Pedro - *(visivelmente assustado)* Mulher, não a conheço. Nem sei de quem falas.

CENA 9

Narrador 4 - Jesus foi traído por um dos seus. Com quem compartilhou alegrias, aspirações. Levado sorrateiramente no meio da madrugada, e mesmo a tanta inquietação, manifesta sua face de amor, acalmando os corações agitados. Tem início aí uma dolorosa sucessão de provações que sabe que terá que suportar até a cruz.

Narrador 1 - ele não insultou ninguém, ele não demonstrou medo ou hesitação. Fez seu o maior poder, aquele que está disponível a todo homem de Boa vontade: a fé. No horto foi curado e fortalecido, lançou-se confiante nas mãos de seu pai

Dois narradores juntos: "pai se é possível afasta de mim este cálice. Porém não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres."

(a mulher sai e entra Pilatos)

Soldado – *(em tom de anúncio)* Pôncio Pilatos, governador romano da Judéia.

(Pilatos entra, observa Jesus e se volta para o povo onde estão Anás e Caifás).

Pilatos – de que acusais este homem?

Caifás - ele é um malfeitor. Por isso estamos te entregando para que o julgue.

Pilatos - pois bem, tomai vós mesmo e julgai-o segundo vossa lei.

Caifás - não temos direito de condenar ninguém a morte.

Anás – este homem é um amotinador que anda seduzindo o povo. Foi encontrado subvertendo nossa nação. Ele subleva o povo, ensinando por toda a Judéia, desde a Galileia, onde começou, até aqui.

Pilatos *(dirigindo-se ao sumo sacerdote):* ele é Galileu?

Caifás: sim, senhor.

Pilatos: soldados, levem este homem a Herodes. Ele é Galileu e deve ser julgado por Herodes, visto que está sob sua jurisdição.

(os soldados conduzem Jesus até Herodes. Toda a multidão vai atrás.)

(Jesus é apresentado a Herodes.)

Salomé dançando para Herodes

Caifás: Herodes, este é Jesus, o Galileu. Ele está sendo acusado de subversão e Pilatos o enviou ao senhor para que o interrogue.

Herodes: (observa Jesus e manda que uma das dançarinas lhe ofereça vinho. Ele com acenar da cabeça recusa). Sinto muito te ver tão gravemente acusado. Tenho ouvido falar muito de ti. Agora me fostes entregue pelo governador romano para te julgar. O que respondes a todas aquelas acusações? Agora vou prová-lo: faça algum milagre para eu também crer em ti!

(Jesus calado) – é verdade que destes a vista aos cegos de nascença? Ressuscitastes dos mortos Lázaro? Saciastes vários milhares de homens com poucos pães? Por que não respondes? (Jesus nada diz. Herodes joga sobre ele uma capa, ri muito) Para mim, este mais me parece um doido do que um criminoso. Seria um crime de minha parte, se o condenasse. Queria certamente dizer: “Seria um crime contra a sentença de Pilatos que teve a gentileza de mandá-lo a mim”. Levem-no a Pilatos.

(todos saem e levam Jesus a Pilatos)

CENA 10

Narrador 2 - Jesus havia falado sobre o amor, pregou acima de tudo por suas ações, o filho de Deus se fez humano, para se igualar a nós em tudo, menos no pecado. Viveu em nosso meio, mas mostrou que é possível viver uma vida plena.

Pilatos - Vós me apresentais este homem como agitador do povo, no entanto eu o interroguei diante de vós e não achei culpado de nenhum dos crimes que o acusais. Ele nada fez que mereça a morte. Herodes, também não encontro nele crime algum. Por isso vou castigá-lo e depois soltá-lo.

Caifás - Não! Ele deve morrer, porque impede que o povo pague o tributo a César e diz ser ele o rei dos judeus.

Pilatos - (a Jesus) Tu és o rei dos judeus?

Jesus – Falais assim por você mesmo ou falaram de mim a você?

Pilatos - Por acaso eu sou judeu? O teu povo e o chefe dos sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?

Jesus - O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam lutado para que eu não fosse entregue aos judeus.

Pilatos - Então tu és rei?

Jesus - Sim eu sou rei?! Para isto nasci e para isto é que vim ao mundo: para dar testemunho da verdade.

Pilatos - E o que é a verdade? *(sem esperar resposta, ele vai falar com o povo)*
Não encontro culpa alguma neste homem.

Caifás – Ele é um agitador do povo.

Anás - Ele leva as pessoas a desrespeitar as leis.

Pilatos - *(a Jesus)* Não ouve as graves acusações que estão levantando contra ti?
(Jesus nada responde, Pilatos vai falar com o povo).

Pilatos - *(fica pensativo)* Estamos em tempo de festa e é costume nessa época que eu vos solte um preso. Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?

Anás - Ele não, mas Barrabás!

Todos - Barrabás! Barrabás!

Pilatos - Tragam este a quem chamam de Barrabás. *(para Barrabás)* Homem, você está livre... Vá. *(para os soldados)*. Castiguem-no. Talvez o povo acalme-se ao vê-lo ferido.

CENA 11

(Os soldados levam Jesus para ser castigado, enquanto isso, uma outra mulher reconhece Pedro)

Mulher 3 - Ei, eu vi você com aquele Galileu.

Pedro - Não, eu não o conheço.

Mulher 3 - Conhece sim... Eu o vi com ele!

Pedro - *(irritado)* Não! Já disse que não o conheço. Saia daqui vamos. *(O galo canta e ele levanta transtornado e vê Jesus).*

Pedro - *(Perplexo)* Não pode ser... Jesus disse que antes do galo cantar eu o teria negado três vezes. Eu o traí! Não! Não! *(sai correndo e chorando)*

(Jesus já deve estar amarrado e sendo chicoteado)

Soldado 1 – *(tapa os olhos de Jesus enquanto outro bate)* Adivinha quem te bateu? *(risadas)*

Soldado 2 – Se tu és rei é necessário que tenhas uma coroa. *(todos riem enquanto outro soldado coloca uma coroa de espinhos)*

Soldado 3 – (enquanto coloca um manto e uma cana na mão de Jesus) Não podemos esquecer o “cetro real” de “vossa majestade.” *(risos)*

(Depois os soldados, cada um por vez, se ajoelham aos pés de Jesus e zombam dele dizendo: “Salve o rei dos judeus”, ou “longa vida ao rei” etc. Por fim o apresenta a Pilatos). (Cena congela após zombaria)

Narrador 3: ele veio em favor da verdade, veio dar testemunho da verdade, mas os corações não o quiseram escutar. Não obstante o preço ainda era pouco, ele teve que pagar com toda a sua dor e seu Sangue.

CENA 12

(Após apresentar Jesus na frente de Pilatos e este segurando Jesus)

Narrador 4 - ferido por cravos e espinhos, chagado, humilhado, por amor e obediência. Quantas vezes não sou eu o soldado que o flagela, que o zomba quando desprezo sua presença no irmão e o tomo como objeto de minhas vontades.

Pilatos - (para o povo) Eis aqui o homem!

Caifás - A morte!

Anás - Crucifica-o!

Todos - A morte! A morte! Crucifica-o! Crucifica-o!

Pilatos - (irritado) Tomai vós mesmos e crucificai-o, porque não encontro nele culpa alguma!

Anás - Nós temos uma lei e segundo esta lei, ele deve morrer, porque se fez filho de Deus!

Pilatos - (Intimidado e ao mesmo tempo irritado para com Jesus) De onde és tu? *(silêncio)* Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar?

Jesus - Nenhum poder terás sobre mim se não fosse dado do alto. Por isso aquele que me entregou a ti tem maior pecado.

Pilatos - Que quereis que eu faça ao rei dos judeus?

Todos - Crucifica-o! Crucifica-o!

Pilatos - Mas ele não tem culpa... Vou soltá-lo e...

Caifás - (Interrompendo) Se soltar este homem, não és amigo de César, pois todo aquele que se faz rei é contra César.

Pilatos – (Mais intimidado) Eis aqui o vosso rei.

Anás – Não temos outro rei senão César.

Pilatos - (*Fica pensativo*) Guardas, tragam água. (Pausa)

Narrador 1 - Covardemente Jesus é preso, porém condenar um inocente é difícil. Começa uma tentativa desesperada das autoridades ameaçadas pela verdade no viver apresentado por Jesus. a verdade incomoda os que se encontram errantes. Ou coração se verga diante dela, ou cega a pessoa completamente.

Pilatos - Lavo minhas mãos diante do sangue inocente deste homem. Levem-no, isto é com vocês.

(Os soldados levam Jesus e o povo acompanha. Anás e Caifás vem ao encontro de Pilatos).

Pilatos – (*Entrega uma placa a Caifás*) Preguem isto na cruz. Estas iniciais significam: Jesus Nazareno, rei dos judeus.

Caifás – Não escreva rei dos judeus, mas sim o que ele disse: eu sou o rei dos judeus.

Pilatos – O que escrevi está escrito. (*irritado*) Agora partam imediatamente!

(Anás e Caifás partem rapidamente. Pilatos parte com os soldados)

CENA 13

Narrador 2 - o filho de Deus é condenado a morte e morte de Cruz. O madeiro foi posto sobre seus ombros e sobre ele o peso da salvação de toda humanidade.

Narrador 3 - o que saiu do pretório, não parecia humano desconfigurado, ensanguentado, acabrunhado pelo peso da Cruz. A dor transpassava seus ossos. Por que é tão difícil aceitarmos carregar a nossa cruz? Se o maior de todos os homens vivente não hesitou em tomar uma que não o pertencia.

(Jesus entra carregando a cruz, todo sendo flagelado pelos soldados e logo atrás entram os discípulos, as samaritanas e as santas mulheres, os fariseus, e a certa distância Anás e Caifás. Jesus não aguenta e cai com a cruz. Os soldados o mandam levantar-se e depois de andar um pouco ele se encontra com a sua mãe.)

Maria - Meu filho, o que fizeram com você? Quanta crueldade.

(Cena congela)

(Jesus volta a carregar a cruz e em seguida uma mulher parte em direção a Jesus e enxuga seu rosto.)

Mulher 2 – Verônica volte aqui!

Verônica - (*depois de ter se afastado*) Vejam! É o rosto do meu Senhor! Ele nos deixou uma prova do seu amor.

(Enquanto outras mulheres vão ver o pano das mãos de Verônica, Jesus cai pela terceira vez)

Soldado - Você aí!

Simão - Eu?

Soldado - Isso mesmo. Qual o seu nome?

Simão – Simão de Cirene.

Soldado - Ajude-o a levantar a cruz, rápido!

CENA 14

Narração 4: durante toda a sua vida, Jesus sabia do preço que teria que pagar, mas manteve a confiança naquele que te enviou. Foi fiel ao extremo. No calvário, seus músculos tremiam, seu corpo sofria as mais agudas agonias e hemorragias mas ele sabia que tinha que suportar.

Narração 1: é sempre bem mais fácil reclamar e esperar que as coisas mudem, do que assumirmos a responsabilidade pela mudança. Qual é o nosso calvário? Não sei o que pode está se passando na sua vida. Mas a partir de hoje a exemplo de Jesus. Possamos tomar as nossas cruzes e seguir em frente

(Crucificação)

(Mas os soldados pegam a cruz e levam para o calvário e em seguida o despido de suas vestes que são sorteadas entre os soldados)

Anás – Não és tu o escolhido de Deus? Salve a ti mesmo!

Samaritana 2 - Desça da cruz para podermos crer!

Caifás – Tu que destrói o templo e o reconstrói em três dias. Salve a ti mesmo.

Jesus - Pai perdoa-lhes porque não sabem o que estão fazendo.

(Jesus vê João e sua mãe, aos prantos junto à cruz.)

Maria – Meu filho...

Jesus - Mulher, eis aí o teu filho! ***(para João)*** Filho, eis aí a tua mãe ***(olha para o céu)*** Eli, Eli, lamma sabactani?

Samaritana 1 – Vejam, ele chama por Elias.

Samaritana 2 – Será que ele vem salvá-lo?

Jesus - Tenho sede.

Soldado – Infelizmente só temos vinagre ***(risos. Um soldado molha a esponja de vinagre e dá para Jesus.)***

Jesus - Tudo está consumado.

(Maria chora abraçada a João. Grande comoção nesse momento)

Maria – (Com voz carregada de dor) Meu Filho, meu Mestre, meu Senhor...

Jesus - (gritando) Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. **(suspira e morre)**

(apagam-se todas as luzes, som de tempestade, tumulto geral, todos correm, exceto Maria, os discípulos e algumas mulheres)

CENA 15

Narrador 2 - Naquela fatídica tarde o mundo parou. O último suspiro foi dado. Um único homem foi submetido ao teste. O único capaz de assumi-lo até as últimas consequências.

Narrador 3- O filho unigênito de Deus, foi morto em favor dos meus pecados. Crucificado por minha rejeição. Esmagado, chagado, ferido.

(depois que todos saem de cena, entra M.^a Madalena chorando)

M.^a Madalena – Mataram meu Senhor, mataram meu Senhor. **(olhando o sepulcro)** Não! O corpo do meu Senhor não está aqui!

M.^a Madalena – (aos prantos) Tiraram o Senhor do seu sepulcro,

Jesus - (para Maria Madalena) Mulher, por que choras?

M.^a Madalena – Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. Se foi você, me diga onde colocou que eu vou buscá-lo.

Jesus - Maria...

M.^a Madalena - (reconhecendo-o) Mestre!

Jesus - Não me toques, pois ainda não voltei para o pai. Vá e anuncia aos apóstolos que eu ressuscitei.

(ela corre a chamar os outros)

M.^a Madalena - Venham todos, venham todos, o meu Senhor ressuscitou!

(Jesus surge em destaque com música e luz de fundo Música Jesus Cristo Roberto Carlos)

Jesus – Vão pelo mundo todos e ensinais as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que eu ordenei, e eu estarei com vocês sempre, até o fim do mundo.

Coordenação da Encenação da encenação da Paixão de Cristo 2025

DIREÇÃO

Cargo	Nome
Direção Geral	Nivaldo Freitas
Secretária Geral	Tarsila Lorena
Sonoplastia	Izaías Messias

FINANCEIRO

Cargo	Nome
Tesoureira Geral	Ana Luiza
Coordenadores Financeiros	Gabriel Fraga e Joelisane

COMUNICAÇÃO

Cargo	Nome
Coordenadora Geral de Comunicação	Adelma Eduarda

FIGURINO

Cargo	Nome
Coordenadoras Gerais de Figurino	Jeniffer Ribeiro e Luciene

CENOGRAFIA

Cargo	Nome
Coordenador Geral de Cenografia	Talison Silva
Coordenador de Cenografia	Gleydson Silva
Coordenador de Cenografia	Márcio Souza

PRODUÇÃO

Cargo	Nome
Produtor Geral	Riclecio

Elenco da Paixão de Cristo 2025

Personagem	Ator	Personagem	Atriz
Jesus	Talison	Maria Nova	Yara

João Batista	Graciliano	Maria Velha	Tuca
Anjo	Márcio	Samaritana	Aninha
Anjinho	-	Satanás 2	Carol
Satanás 1	Gleydson	Maria Madalena	Jeniffer
ANÁS	Jonas	Verônica	Joelisane
CAIFÁS	Danilo Siqueira	Mulher 1	Nilvanda
FARISEU 1	Luka Gabriel	Mulher 2	Vilma
PILATOS	Ginaldo	Mulher 3	Mayara e Ketlly
HERODES	Vinicius	Marta	Tarsila Lorena
Lázaro	Raphael	Maria	Heloísa
JOSÉ	Gabriel Fraga	NARRADORA 1	Anahy
		NARRADORA 2	Danilo
		NARRADORA 3	João Fábio
		NARRADORA 4	Sara
DISCÍPULOS	ATOR	Samaritana 1	Victória
PEDRO	Arthur	Samaritana 2	Mallu
ANDRÉ		Mulher	Paola
THIAGO	Luiz Fernando		
JOÃO	Pedro Daniel		
FELIPE	Jose Luka	SOLDADOS	ATOR
BARTOLOMEU	Jhonny	CHEFE	Arthur de Sara
TOMÉ	Gabriel	1	Bernardo
MATHEUS	Emmanuel	2	Caio
THIAGO filho de Alfeu	Paulo Anderson	3	Jean
TADEU	Rikelme	4	Júlio Clécio
SIMÃO	Pedro Arttime	5	

JUDAS	Wallance	6	
		7	
		8	
MULTIDÃO		9	
Ana (Mãe de Danilo)		10	
Layla (prima de Danilo)			

REGISTRO FOTOGRÁFICO

Figura A1 – Gravação das falas em estúdio



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura A2 – Gravação das falas em Studio já trazendo a emoção na fala



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura A3 – Fazendo as observações e correções da gravação



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura A4 – Gravação das falas em estúdio



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura A5 – Montando o poço da cena da samaritana



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura A6 – Montando a águia do palácio de Pilatos



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)